

**A INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ EM DIFERENTES CONTEXTOS DE
BRINCADEIRA: PERSPECTIVAS EMPÍRICAS E PSICOMÉTRICAS**

Manoela Yustas Mallmann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Porto Alegre, dezembro de 2023

**A INTERAÇÃO MÃE-BEBÊ EM DIFERENTES CONTEXTOS DE
BRINCADEIRA: PERSPECTIVAS EMPÍRICAS E PSICOMÉTRICAS**

Manoela Yustas Mallmann

Tese apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de Doutora em Psicologia
sob orientação da Prof.^a Dr.^a Giana Bitencourt Frizzo.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-graduação em Psicologia

Porto Alegre, dezembro de 2023

*À minha amada filha Beatriz,
que traz luz e sentido à minha vida.*

Agradecimentos

Agradeço primeira e imensamente à minha família pela possibilidade de hoje estar concluindo uma etapa tão importante na minha vida profissional. Meu mais carinhoso agradecimento aos meus dois amores, meu marido e minha filha, a família que eu construí. À minha amada filha Beatriz, que nasceu no meio do Doutorado e só me deu forças e sentido para seguir em frente com todo o trabalho a ser feito. Ao Guilherme, meu companheiro, que passou por tantas coisas comigo ao longo desses anos e esteve sempre do meu lado. Também sou sempre e eternamente grata à minha família que sempre faz o possível e o impossível para me apoiar e torce imensamente por mim nas minhas empreitadas. Por vocês, tenho todo o amor do mundo: minha mãe, Silvina, minha irmã, Betina, minha avó Teresa, minha dinda Carina, meu pai Jurgen, minha avó Lílian, meus primos Gabriel, Lucas, meu dindo Tony e minha prima, Renata. Sem esquecer do meu avô, Júlio, que está sempre nos nossos corações. Sem o apoio de todos eu não teria conseguido finalizar a tese durante o primeiro ano de vida da minha filha. Sou muito grata também aos meus sogros, Rejane e Carlos, pelo apoio incansável que tive durante todo esse tempo.

Gostaria de agradecer também à minha orientadora Giana Frizzo, por todos esses anos de trabalho, ensinamentos e cumplicidade. Sou muito grata por ter sido orientada de forma tão atenciosa e afetiva. Sou especialmente grata ao acolhimento que recebi durante a gravidez e após o nascimento da Beatriz. Que bom seria se todas mulheres tivessem o apoio e respeito que eu tive em um momento tão importante da minha vida. Nunca esquecerei o quanto esse cuidado contribuiu para a leveza do meu maternar.

Agradeço imensamente às colegas do Núcleo de Pesquisa e Intervenção em Famílias com Bebês e Crianças (NUFABE), que ao longo desses anos transformaram-se em amigas e contribuíram muito para que esses anos fossem leves e alegres: Gabriella P., Maíra, Monique,

Mônica, Gabriela V., Roberta, Helena e Elisa. A amizade que construímos será para a vida toda, assim como a dos nossos amados bebês do grupo, Beatriz, Mathias e Léo.

Também sou muito grata às demais colegas do grupo de pesquisa, que admiro profundamente como pessoas e profissionais: Sofia, Fernanda, Patrícia, Liziane, Clara e Indianara.

Não poderia deixar de agradecer especialmente à Gabriella P. por todos esses anos de parceria e amizade desde o início do mestrado. És uma amiga incrível e espero te ter pertinho sempre. À Maíra, pela amizade que construímos, além dos ensinamentos e palavras de apoio de sempre, tanto na vida profissional quanto pessoal. À Sofia, pela disponibilidade e sensibilidade durante um momento tão importante, tua ajuda foi essencial para a elaboração da tese. À Gabriela V., por todo carinho e ajuda nos mais diversos momentos, mas principalmente quando mais precisei de ajuda.

Agradeço também às professoras que fizeram parte da minha banca de defesa de Tese de Doutorado: Prof^ª Lívia Bedin, Prof^ª Mônia Aparecida da Silva e Prof^ª Nádia Cristina Valentini. Obrigada pela dedicação e contribuições tão importantes e pela possibilidade de ter meu trabalho avaliado por profissionais tão competentes. Sou igualmente grata aos colegas que se disponibilizaram a colaborar com a elaboração dos artigos da minha tese, Maíra Almeida, Gabriella Pedrotti, Sofia Sebben, Gabriela Vescovi, Euclides Mendonça-Filho, Denise Bandeira e Antônio Machado. Sem o apoio de vocês nada teria sido possível. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela oportunidade de receber uma bolsa de estudos e pelo incentivo à pesquisa e educação, tão importantes para o nosso país. Agradeço também às mães e aos bebês participantes deste estudo, que de forma sensível puderam compartilhar suas experiências, tornando-o possível!

SUMÁRIO

Lista de Tabelas	8
Lista de Figuras	9
RESUMO	10
ABSTRACT.....	11
Apresentação.....	12
INTRODUÇÃO	15
O Brincar e o Desenvolvimento Infantil	15
O Brincar e as Mídias Digitais	19
Qualidade da interação mãe-bebê e possibilidades de avaliação	27
JUSTIFICATIVA	29
OBJETIVOS	30
ARTIGO 1: Brincadeira-conjunta pais-criança no contexto das mídias digitais: uma <i>scoping review</i>	32
Resumo.....	32
Abstract	33
Introdução.....	34
Método	37
Critérios de Elegibilidade e Seleção dos estudos	38
Extração dos dados e itens.....	39
Síntese dos resultados.....	39
Resultados	40
Discussão.....	50
Considerações Finais.....	56
Referências	57
ARTIGO 2: Psychometric Properties of the <i>Dyadic Interaction Assessment Protocol (DIAP)</i> for assessing caregiver-child interaction quality.....	64
Abstract	64
Resumo.....	65

Introduction	66
Rationale and Relevance of the Study.....	74
Methods.....	76
Participants, procedures and ethical considerations	76
Instruments	78
Data collection procedures	79
Data coding procedures	80
Data analysis procedures	81
Results	82
Discussion	87
Conclusions	90
References	91
ARTIGO 3: Play with smartphone compared to toy play and free play: Differences in the type of play for the quality of mother-infant interactions.....	103
Abstract	103
Resumo.....	104
Introduction	105
Methods.....	110
Participants and Design	110
Ethical Considerations	111
Instruments	111
Data collection procedures	113
Data coding procedures	114
Data analysis.....	115
Results	115
Discussion	118
Conclusions	122

References	123
DISCUSSÃO GERAL	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	135
ANEXO A: Protocolo de Avaliação da Interação Diádica (PAID).....	147
ANEXO B: Parecer do CEP sobre o projeto “Bebês e Tecnologias”	150
ANEXO C: Parecer do CEP sobre o projeto DEPSICO	153
ANEXO D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do projeto “Bebês e Tecnologias”	155
ANEXO E: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo I - DEPSICO)	156
ANEXO F: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo II - DEPSICO).....	157
ANEXO G: Definição operacional detalhada das categorias do PAID.....	158
ANEXO H: Questionário sobre os Dados Sociodemográficos da família	174

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1:

Tabela 1. Descrição dos artigos selecionados.....	40
---	----

ARTIGO 2:

Table 1. Sociodemographic data of participants (N = 71).....	77
--	----

Table 2. Values of the Intraclass Correlation Coefficients and Confidence Interval of the Categories evaluated in the Episodes.....	82
--	----

Tabela 3. Exploratory factor analysis of DIAP.....	85
--	----

Tabela 4. Correlation coefficients of maternal variables.....	86
---	----

Tabela 5. Correlation coefficients of children variables.....	86
---	----

ARTIGO 3:

Table 1. Demographic characteristics of mothers and children.....	110
---	-----

Table 2. Descriptive statistics of outcome variables concerning mother and child.....	116
---	-----

LISTA DE FIGURAS

ARTIGO 1:

Figura 1. Estratégia de seleção dos artigos de acordo com o protocolo PRISMA.....39

ARTIGO 2:

Figure 1. Scree Plot derived from DIAP.....84

RESUMO

A presente tese objetivou investigar a brincadeira conjunta pais-bebê no contexto das mídias digitais e sua influência para a qualidade da interação. Para isso, foram realizados três estudos. O primeiro objetivou mapear a literatura científica a respeito do uso das mídias digitais em momentos de brincadeira conjunta pais-criança. Foram incluídos 14 artigos, e os resultados sintetizados a partir de análise temática. Os três temas indicaram contradições nos estudos que buscam comparar a qualidade da interação em diferentes momentos de brincadeira (com e sem o uso das mídias digitais), com resultados apontando pontos positivos e outros negativos no uso das mídias digitais para brincar. A partir dessa revisão também se identificou a falta de instrumentos de avaliação da interação pais-bebê validados para a população brasileira. Com isso, o segundo artigo teve como objetivo avaliar as propriedades psicométricas do Protocolo de Avaliação da Interação Diádica (PAID), um instrumento de avaliação da interação pais-bebê. 71 díades mãe-bebê (bebês com idade média de 17,02 meses) foram observadas em uma sequência interativa. A análise fatorial exploratória encontrou uma estrutura de dois fatores, intitulados “Características da Díade” e “Características do Adulto”. Os resultados sugerem que o PAID avalia tanto um aspecto bidirecional da interação, como um aspecto centrado no adulto. Por fim, o terceiro artigo objetivou avaliar a qualidade da interação mãe-bebê da mesma amostra do segundo estudo, em três diferentes momentos de brincadeira: brincadeira livre (sem objetos), com brinquedos e com o celular. A partir dos resultados, o estudo sugere maior qualidade da interação nas brincadeiras sem mídias digitais. Em conjunto, os dados da tese apontam que, embora exista potencial de um uso positivo das mídias digitais durante a brincadeira, os bebês têm interação de maior qualidade com o cuidador sem o uso das mesmas. Discute-se o papel dos pais em uma atividade tão crucial da infância, que é o brincar.

Palavras-chave: Brincadeira conjunta; interação pais-bebê; mídias digitais; PAID.

ABSTRACT

The aim of this thesis was to investigate joint parent-child play in the context of digital media and its influence on the quality of the interaction. To this end, three studies were carried out. The first aimed to map the scientific literature on the use of digital media in moments of joint parent-child play. Fourteen articles were included and the results synthesized using thematic analysis. The three themes indicated contradictions in the studies that aimed to compare the quality of interaction in different moments of play (with and without the use of digital media), with studies pointing out positive and other negative outcomes in the use of digital media for play. This review also identified a lack of parent-child interaction assessment tools validated for the Brazilian population. With this in mind, the second article aimed to evaluate the psychometric properties of the Dyadic Interaction Assessment Protocol (PAID), an instrument for assessing parent-child interaction. 71 mother-baby dyads (babies with an average age of 17.02 months) were observed in an interactive sequence. Exploratory factor analysis found a two-factor structure, entitled "Dyad Features" and "Adult Features". The results suggest that the PAID evaluates both a bidirectional aspect of interaction and an adult-centered aspect. Finally, the third article aimed to evaluate the quality of mother-infant interaction in the same sample as the second study, in three different moments of play: free play (without objects), with toys and with smartphone. Based on the results, the study suggests a higher quality of interaction in play without digital media. Taken together, the data in the thesis highlights that, although there is potential for positive use of digital media during play, babies have higher quality interaction with the caregiver without the use of digital media. The role of parents in such a crucial childhood activity as play is discussed.

Keywords: Joint play; parent-baby interaction; digital media; PAID.

Apresentação

Ingressei no NUFABE e na área da pesquisa em 2017. Anteriormente, já atuava há alguns anos como psicóloga clínica. Desde o início da minha trajetória profissional meu foco de estudo foi a primeira infância. No final de 2016, com o objetivo de seguir aprofundando meus conhecimentos acerca do desenvolvimento infantil e especialmente sobre os bebês, fui em busca da pós-graduação *stricto sensu*, dando início à minha atuação também como pesquisadora.

Felizmente minha entrada no NUFABE coincidiu com o início do projeto do qual fiz parte desde então, que busca compreender o uso das mídias digitais em famílias com bebês e crianças e seus possíveis impactos para o desenvolvimento infantil. Este projeto foi crescendo e já resultou na defesa de 4 dissertações e 4 teses. Ainda, além da minha tese, mais três estão em andamento. Ao longo desse tempo também foram publicados diversos artigos, além de projetos de iniciação científica, trabalhos de conclusão de curso e projeto de extensão. Como é possível perceber, este grande projeto vem trazendo importantes contribuições para a pesquisa brasileira, sendo um dos poucos no país que abordam essa temática tão urgente e atual.

A minha Dissertação de Mestrado, defendida em março de 2019, teve como objetivo investigar a visão das mães sobre o uso das mídias digitais nas famílias com bebês de até 2 anos. A partir de grupos focais realizados com as mães, identificou-se, principalmente, que o uso das mídias digitais tinha um sentido mais relacionado à necessidade das mães do que a um objetivo de proporcionar algum benefício direto para o bebê, denunciando a necessidade de compreender melhor o fenômeno e pensar em formas de auxiliar essas famílias. Da dissertação derivaram dois artigos: “O uso das novas tecnologias em famílias com bebês: um mal necessário?” (Mallmann & Frizzo, 2019) e “A importância da função de mãe suficientemente boa para o desenvolvimento do bebê no ambiente tecnológico da atualidade” (Mallmann, Pedrotti, Levandowski, & Frizzo, 2020, no prelo).

Além disso, tive a oportunidade de contribuir como coautora para outras produções científicas do grupo ao longo mestrado e doutorado. Os artigos realizados investigaram: o perfil de pacientes que buscavam o atendimento pais-bebê (Schwochow, Pedrotti, Mallmann, Silva, & Frizzo, 2019); a parentalidade na era digital (capítulo de livro - Frizzo, Azevedo, Mallmann, Pedrotti, & Pieta, 2020); os possíveis papéis desempenhados pela rede de apoio e pela coparentalidade no uso de mídias digitais feito pelos bebês (Rosa, Pedrotti, Mallmann, & Frizzo, 2021); além de estudos produzidos durante a pandemia de COVID-19, sobre o desenvolvimento infantil e saúde mental materna e o uso das mídias digitais (Mallmann, Machado, Macheimer, Almeida, Schwochow, & Frizzo, 2020; Pedrotti, Mallmann, Almeida, Marques, Vescovi, Riter, Almeida, Pieta, & Frizzo, 2021; Riter, Almeida, Vescovi, Marques, Pedrotti, Mallmann, Pieta, & Frizzo, 2021); um relato da intervenção educativa sobre o uso das mídias digitais realizada pelo grupo de pesquisa (Almeida, Canani, Vescoi, Pedrotti, Mallmann, & Frizzo, 2022); um artigo sobre associações de sintomas maternos como depressão e ansiedade e o desenvolvimento infantil (Almeida, Mallmann, Vescovi, Riter, Bandeira, & Frizzo, submetido para publicação); além de um estudo sobre o papel da educação infantil e de variáveis ambientais no desenvolvimento da criança de zero a seis anos, realizado em parceria com outro grupo de pesquisa (Marasca, Mallmann, Correa Floriano, Silva, Mendonça-Filho, Bandeira, & Frizzo, 2023).

A minha presente tese de doutorado conta com três artigos e tem como foco a interação mãe-bebê em diferentes contextos de brincadeira: brincar livre (sem brinquedos), brincar com brinquedos e brincar com o celular. Esse tema se originou a partir do desejo de investigar outras formas de uso das mídias digitais, no caso nos momentos de brincadeira, além de investigar sua influência para a qualidade da interação mãe-bebê. Ao longo da estruturação do projeto, alguns artigos passaram por mudanças e refinamentos. O primeiro teve como objetivo realizar uma *scoping review* a fim de explorar o tema da brincadeira conjunta pais-bebê no contexto

das mídias digitais. A partir da execução deste artigo e do planejamento do terceiro, identificou-se a falta de um instrumento brasileiro e de livre acesso para avaliar a qualidade da interação mãe-bebê. Com isso, o segundo artigo teve como objetivo a validação de um Protocolo de Avaliação da Interação Mãe-Bebê, anteriormente adaptado pela minha orientadora, Giana Frizzo e demais colaboradores. Por fim, o terceiro artigo teve como objetivo comparar os três referidos momentos de brincadeira, buscando possíveis diferenças na qualidade da interação mãe-bebê.

INTRODUÇÃO

O Brincar e o Desenvolvimento Infantil

O brincar é uma das principais atividades da infância, sendo extremamente importante nos primeiros anos de vida. O ato de brincar inicia-se desde o nascimento, não necessariamente com um motivo definido, mas sim ocorrendo de forma natural, sem um objetivo a ser alcançado (Oliveira et al., 2008; Queiroz et al., 2006). A criança inaugura o ato de brincar pelo seu simples e genuíno prazer. A brincadeira é uma atividade lúdica que causa satisfação a quem a realiza (Delval, 2011). Ademais, é através do brincar e do desenvolvimento dessa capacidade que a criança descobre e interage com o ambiente a sua volta (American Academy of Pediatrics [AAP], 2007; Pioreschi et al., 2020; Winnicott, 1971/1975).

É consenso na literatura que o brincar promove benefícios nos mais diversos domínios do desenvolvimento (AAP, 2007; Amodia-Bidakowska et al., 2020; Pioreschi et al., 2020). Enquanto brincam, as crianças constroem suas habilidades de comunicação, linguagem, desenvolvem-se social e emocionalmente, praticando a tomada de decisão, a resolução de conflitos, além de desenvolver sua criatividade (Hiniker et al., 2018; Wooldridge & Shapka, 2012). Ainda, nos momentos de brincadeira, a criança encontra uma via de expressão de seus sentimentos e emoções, bem como uma forma de interação e comunicação (Oliveira et al., 2008; Queiroz et al., 2006). Ao brincar a criança também tem a possibilidade de viver de forma ativa situações vividas passivamente, contribuindo para que encontre estratégias de enfrentamento de sentimentos como raiva, medo e tristeza, podendo assim elaborá-los (Oliveira et al., 2008). O brincar também é uma das principais formas de promover o desenvolvimento físico, pois estimula habilidades sensoriais e motoras, sendo uma forma prazerosa e eficiente de engajamento em atividades físicas, trazendo benefícios para a saúde em longo prazo (Pioreschi et al., 2020; Oliveira et al., 2008).

No que diz respeito ao desenvolvimento emocional, de acordo com o psicanalista D.W. Winnicott, o brincar contribui de forma saudável na inserção da criança no mundo, pois a capacidade de brincar é compreendida como um facilitador para o crescimento e para a saúde (Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2012; Winnicott, 1971/1975). Porém, para isso, o bebê precisa contar com um *ambiente suficientemente bom*, no qual ele possa vivenciar as satisfações, as ansiedades e os conflitos inerentes e condizentes com sua etapa do desenvolvimento (Winnicott, 1960/2011). Tal ambiente é caracterizado quando, primeiramente, seu cuidador responsável mostra-se sensível e adaptado as suas necessidades, predominando o acúmulo de experiências positivas para o bebê, através da vivência de sentimentos de segurança, afeto e cuidado (Winnicott, 1960/2011).

Nas primeiras etapas do desenvolvimento emocional, o ambiente tem um papel essencial e vital, uma vez que o recém-nascido ainda não se separou deste. A separação dele com o ambiente – ou seja, do eu e do não-eu – ocorre de forma gradual, dependendo do ritmo do bebê e de seu entorno. O aspecto ambiental primordial é a mãe, por ser, em geral, o primeiro objeto a ser percebido (Winnicott, 1951/1993). Sendo assim, o desenvolvimento de um ambiente suficientemente bom nessa fase tão inicial possibilita ao bebê que ele possa começar a existir, experimentar a vida e defrontar-se com dificuldades. A partir dessas conquistas, ele e sua mãe têm outras demandas relacionadas a passagem do mundo interno e imaginário do bebê para a realidade externa (Winnicott, 1971/1975).

A partir da desilusão provocada pelas falhas maternas e pela espontaneidade do bebê, que vai ganhando espaço na medida em que sua onipotência deixa de exercer papel central na relação dele com o ambiente, inicia-se o processo de separação da criança. Esse processo ocorre no espaço que se situa entre a mãe e o bebê, denominado de espaço transicional, que diz respeito à passagem do mundo interno e imaginário para o mundo objetivo e real. Esse espaço transicional gradualmente evolui para o brincar. Quando a criança se encontra na condição de

brincar, não faz nada mais do que reunir os fenômenos e acontecimentos oriundos de sua realidade e subjetividade, para então usá-los de acordo com as necessidades de sua realidade interna. Além disso, é o espaço onde surgirá o cenário no qual poderá prosperar a criatividade, unindo o brinquedo à cultura, pois existe uma evolução do brincar para a possibilidade de a criança poder exercer o brincar compartilhado; e, finalmente, para a sua inserção na cultura (Winnicott, 1971/1975).

Tendo isso em vista, fica evidente o caráter constitutivo do brincar ainda primitivo do bebê para a construção da sua realidade psíquica, bem como de sua noção de eu (Saboia, 2015). Conforme postula D. W. Winnicott: “é no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Winnicott, 1971/1975, p.79). A partir disso, percebe-se a extrema importância da construção do espaço do brincar nos primeiros anos de vida, processo que ocorre de forma complexa e que está diretamente relacionado à qualidade das interações iniciais (Saboia, 2015).

A brincadeira da criança pequena pode ocorrer de diversas formas (Moreno, 2016; Wooldridge & Shapka, 2012). Porém, frente ao consenso da importância das primeiras relações entre o bebê e seu cuidador como base da saúde mental no indivíduo (Winnicott, 1987/2006), a brincadeira com os pais mostra-se crucial para o desenvolvimento, principalmente no início da vida. Especialmente até os três anos, a experiência da brincadeira conjunta com os pais proporciona um momento especial e singular de interação entre a criança e seus cuidadores. Ela possibilita ao bebê contar com a interação do adulto para desenvolver suas habilidades cognitivas, linguísticas, motoras, sociais e emocionais, além de receber suporte de figuras tão importantes para ele, promover o vínculo entre a dupla (AAP, 2016; Waldman-Levi, et al., 2019), a resolução de conflitos e o desenvolvimento da criatividade (Hiniker et al., 2018; Wooldridge & Shapka, 2012). Estudos apontam que os pais ou a figura de referência de

cuidado são os parceiros preferidos e geralmente a primeira escolha da criança pequena como companhia nas brincadeiras (Wooldridge & Shapka, 2012). Além disso, possibilita experiências que oportunizem o envolvimento em uma atividade prazerosa, na qual o adulto pode dar suporte e ensinar a criança, contribuindo para o fortalecimento do vínculo entre eles (Moreno, 2016).

As brincadeiras também mudam significativamente conforme a idade, na medida em que a criança vai adquirindo, de forma contínua, diferentes capacidades e competências, de acordo com seu desenvolvimento físico e emocional (Delval, 2011; Queiroz et al., 2006). Aproximadamente até os 18 meses, a criança conta inicialmente apenas com limitado número de respostas reflexas, que vão se complexizando na medida em que ela vai se desenvolvendo e adquirindo novas experiências no meio em que vive. Dessa forma, até o final do segundo ano de vida, o bebê faz constantes descobertas, sendo esse um momento de enorme progresso (Delval, 2011). Ele vai aos poucos adquirindo conhecimentos práticos, explorando e descobrindo os objetos, e assim vai começando a compreender a permanência deles. Devido a isso, nos primeiros meses de vida, as experiências de brincadeira se caracterizam primordialmente pela observação e posterior exploração do ambiente e manipulação de objetos (Oliveira et al., 2008). As trocas entre ele e o meio ainda têm caráter prático e motor (Delval, 2011). Nesse contexto, as primeiras brincadeiras entre o bebê e sua mãe (ou outro cuidador que seja referência para ele) são chamadas de brincadeiras de exercício (Delval, 2011) e se dão primordialmente por meio de atividades motoras, troca de olhares, sorrisos, vocalizações e sons. A criança é ativa, competente e capaz de ter iniciativas e interesses espontâneos nessas brincadeiras, tendo importante participação nessas experiências vividas com o adulto (Tardos & Szantos-Feder, 2011).

O fim desse período se caracteriza pelo surgimento da linguagem que ocorre juntamente com o crescente desenvolvimento cognitivo, com a capacidade de compreender e usar símbolos

(Delval, 2011; Oliveira et al., 2008), podendo então, agir simbolicamente sobre os objetos. Com a aquisição da linguagem e da capacidade de representar símbolos, a criança passa a se engajar mais em brincadeiras simbólicas, passando por muitas mudanças no seu desenvolvimento, envolvendo conquistas proporcionais à idade (Delval, 2011). A partir daí, com a consolidação da capacidade de comunicação, representação e permanência do objeto, a criança passa a poder brincar simbolicamente, podendo, por exemplo, fingir que está dormindo, que está comendo, podendo também imitar situações já vividas, sem a necessidade de o modelo de sua imitação estar presente naquele momento. Nesse período, a criança passa a poder reproduzir de forma ativa experiências vividas passivamente, modificando na brincadeira a realidade de acordo com suas necessidades, além de poder desempenhar diferentes papéis e atribuir diversos simbolismos aos brinquedos. Poder transformar o lápis em um avião ou uma caixa em um carro, por exemplo, são brincadeiras que desenvolvem constantemente sua criatividade (Delval, 2011).

O Brincar e as Mídias Digitais

O uso cada vez mais frequente e constante das mídias digitais vem sendo amplamente investigado na literatura científica (Azevedo et al., 2022; Matsumoto et al., 2016; Kildare & Middlemmis, 2017; Radesky & Christakis, 2016). Exemplos de mídias digitais incluem *software* de computador, aplicativo móvel, redes sociais, videogames, páginas da *Web*, imagens (fotos e vídeos) digitais e *smartphones* (APA, 2019). Ainda, observa-se que as crianças pequenas são cada vez mais cedo introduzidas a elas (Chassiakos et al., 2016), com dados apontando que bebês de 4 meses já fazem algum uso (AAP, 2016; Kabali et al., 2015). Ademais, atualmente assistir vídeos online em sites como o YouTube, foi identificado como a atividade que as crianças de zero a 8 anos passam mais tempo realizando, dentro do tempo que passam utilizando as mídias digitais, com uma média de 39 minutos por dia (Rideout & Robb, 2020).

No entanto, as sociedades de pediatria recomendam que crianças de até 2 anos não sejam expostas às telas embora tenham se mostrado mais flexíveis quando, em 2016, passaram a considerar que, caso a criança seja exposta, a partir dos 18 meses, que o uso pelo menos ocorra na presença de um cuidador. Já com crianças de até 5 anos a recomendação é de que tenham o tempo limitado a no máximo duas horas por dia (AAP, 2016). A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019) se posiciona de forma semelhante e orienta que o tempo de uso diário de tecnologias digitais seja limitado e proporcional às idades das crianças. Assim, para bebês menores de 2 anos a orientação é evitar o oferecimento de telas digitais e para crianças com idades entre 2 e 5 sugere-se que o tempo de uso seja limitado a uma hora por dia. Porém, chama a atenção que as diretrizes se baseiam principalmente na falta de consenso sobre os riscos e benefícios das telas para o desenvolvimento infantil.

Em contrapartida, também se evidenciam sugestões de algumas Sociedades de Pediatria, como a inglesa, que propõe uma reflexão para as famílias de crianças pequenas. Eles sugerem que as famílias se questionem a respeito do próprio uso das mídias digitais através de perguntas como: o uso de telas na sua casa é controlado? O uso das telas interfere no que sua família quer fazer? O uso das telas interfere no sono? Você controla o consumo de guloseimas durante o uso de telas? A partir dessas questões norteadoras, cada família pode pensar no uso singular da própria rotina e realidade (Royal College of Paediatrics and Child Health, 2019). A Sociedade Italiana de Pediatria (2018) também atenta a uma questão importante, que diz respeito ao conteúdo dos aplicativos utilizados pelas crianças. Além de enfatizarem a importância da exposição a aplicativos de qualidade e adequados à faixa etária, também sugerem que os pais testem os aplicativos antes de os apresentarem aos filhos, pois mesmo que os aplicativos se digam educativos, nem sempre essa é a realidade.

Ainda hoje não existe um consenso na literatura científica frente aos riscos e benefícios do uso de mídias digitais feito pelas crianças pequenas. Porém, após alguns anos de estudos na

área, alguns pontos já podem ser considerados como consolidados em relação ao que é ou não indicado. Os riscos apontados na literatura dizem respeito a prejuízos na capacidade de autorregulação, no desenvolvimento da linguagem, cognição e atenção (Radesky et al., 2014), bem como dificuldades de comportamento (McDaniel & Radesky, 2018). O uso intenso de mídias por crianças também está associado à obesidade, ao sedentarismo (AAP, 2016; Domingues-Montanari, 2017; World Health Organization, 2019) e a problemas de sono, de visão e de aprendizagem (Sociedade Brasileira de Pediatria [SBP], 2019).

Já os benefícios estão relacionados à possibilidade de aproximar familiares distantes através de chamadas de vídeo, proporcionar momentos de lazer e entretenimento à família, bem como uma oportunidade de trocas e aprendizados para o bebê, principalmente após os 2 anos e com o auxílio de um cuidador que lhe auxilie a dar sentido ao conteúdo assistido (AAP, 2016; Coyner, et al., 2017). Também se observa maior capacidade de aprendizagem através das telas quando o bebê o faz em interação com um adulto importante para ele (Radesky et al., 2016). Nesse sentido, a literatura aponta que o uso de mídias digitais pode trazer benefícios para as interações em família e desenvolvimento dos bebês, desde que exista uma mediação dos pais/responsáveis durante o uso (Coyner, et al., 2017).

A partir dos estudos acima referidos percebe-se que, embora os recursos tecnológicos sigam avançando e se modernizando de forma rápida e aparentemente irreversível, ainda existem discussões sobre inserir ou não o recurso tecnológico na vida das crianças e, principalmente, *como* fazê-lo. Hiniker et al. (2018) questionam fortemente o foco dado aos estudos referentes ao uso e exposição das mídias digitais nas famílias de crianças pequenas. Segundo os autores, existe uma preocupação excessiva com prejuízos para o desenvolvimento infantil, bem como a falta de evidências robustas e condizentes com a realidade das famílias que corroborem as recomendações para não se usar as mídias.

Ainda, ressaltam que essas informações, além de não contribuírem para um suporte real para os pais, levantam dúvidas, podendo contribuir para que eles se sintam culpados. Além disso, estudos que investigaram a opinião dos pais a respeito das recomendações sobre o uso de mídias digitais concluiu que, embora muitos concordem com elas, na prática consideram que o uso seja inevitável (Bentley et al., 2016; Brown & Smolenaers, 2018). Nesse sentido, estudos atuais têm mostrado uma tendência a buscar compreender de forma profunda e complexa os padrões de uso das mídias digitais nas famílias com crianças, para que se possa fazer o melhor uso possível, não deixando de considerar o ambiente tecnológico da atualidade (Barr, 2019).

Na mesma direção, um ponto interessante foi abordado por Christakis ainda em 2014. Mesmo sendo um dos responsáveis pela elaboração das recomendações da AAP, o autor publicou sua opinião a respeito dos *iPads* (o que pode se estender aos *tablets* em geral) que vai de encontro às diretrizes da AAP (2016). O autor referiu que os *tablets* são superiores frente às mídias passivas, por propiciarem para a criança maior possibilidade de um espaço criativo, podendo assemelharem-se a um brinquedo tradicional. Nesse sentido, afirma que não devem ter seu uso desencorajado para crianças menores de 2 anos. Porém, faz uma ressalva de que o tempo de uso diário seja de até 1 hora, por acreditar que o uso pode prejudicar o pouco tempo que a criança pequena tem acordada para explorar e vivenciar outras experiências de grande importância para seu desenvolvimento.

Após 2014, o tema da brincadeira envolvendo as mídias digitais continuou e vem sendo cada vez mais investigado na literatura (Marsh et al., 2020). Somado a isso, evidencia-se que um número cada vez maior de crianças pequenas faz uso das mídias digitais para brincar (Almeida & Frizzo, 2021; Rideout & Robb, 2020; Souza & Bonilla, 2020). Dentro desse cenário também é importante ressaltar que, juntamente com o avanço do uso das mídias digitais, também ocorre a modernização dos brinquedos. Por exemplo, existem cada vez mais brinquedos inteligentes (*smart toys*), que são aqueles que se conectam eletronicamente aos mais

diversos dispositivos, permitindo que a criança viva experiências *online* e *off-line* simultaneamente. Esses brinquedos dizem respeito aos estudos recentes e cada vez mais frequentes envolvendo a *Internet of Toys* (Marsh et al., 2020), que, embora altamente tecnológica, ainda sim parece buscar manter a criança conectada com os brinquedos e experiências do mundo real.

Com isso, mesmo que a criança não faça o uso da mídia digital em si para brincar, muitos brinquedos acabam também envolvendo o uso das mídias digitais. Nesse sentido, o brincar contemporâneo pode ser compreendido, conforme Edwards (2014), como a experiência do brincar envolvendo o uso e exposição das crianças (de até 8 anos) a uma ampla variedade de produtos, mídias digitais e recursos tecnológicos. Porém, a autora enfatiza que a gama de produtos digitais da atualidade também pode ser utilizada e aplicada ao brincar não-digital, ou seja, levando experiências vividas no mundo digital para o real, não se limitando apenas a experiências virtuais.

De maneira semelhante, Fróis (2010) afirma que o brincar analógico tem papel importante no desenvolvimento infantil, não podendo ser substituído pelo digital. Por outro lado, sugere que ambos devam permanecer em estado de coexistência, já que trazem benefícios ao desenvolvimento da criança: o brincar analógico contribui para noções de espaço, relações interpessoais, esquema corporal, movimento, dinâmico e ilimitado, ou seja, está no plano concreto; já o digital, com seus jogos eletrônicos e Internet contribui na coordenação motora, memória e agilidade de pensamento.

Assim como existem contradições frente aos riscos e benefícios do uso e exposição das mídias digitais por crianças pequenas, a literatura também aponta controvérsias sobre os possíveis impactos da inserção das mídias digitais nas brincadeiras das crianças pequenas (Hiniker et al., 2018) e no tipo de brinquedo (Wooldridge & Shapka, 2012) para o desenvolvimento infantil (Miller et al., 2017). Johnson & Christie (2009) trouxeram

importantes reflexões ao problematizar o tema, questionando o sentido de se criticar ou até mesmo de demonizar a prática de brincadeiras envolvendo as mídias digitais, uma vez que o mundo tecnológico da atualidade pressupõe que o uso das tecnologias é irreversível e tende a ser cada vez mais utilizado. Dessa forma, os autores reforçam a importância de buscar compreender como maximizar os pontos positivos do uso. Os autores também atentam para o fato de que é necessário existir um equilíbrio entre o brincar digital e o “real”. Ainda, ressalta que quando as crianças fazem uso de aplicativos e *softwares* adequados para a sua idade, o uso tende a promover o brincar positivo e ainda contribuir para a aprendizagem.

Com todas essas mudanças em relação ao brincar envolvendo o avanço tecnológico, existem questionamentos, por exemplo, quanto ao formato dos dispositivos móveis e o conteúdo presente nos aplicativos, uma vez que suas características dificultam que duas pessoas compartilhem a mesma atividade (Hiniker et al., 2018; Radesky & Christakis, 2016; Wood et al., 2016). Isso se torna especialmente preocupante no que diz respeito às crianças de até três anos, pois pode impactar negativamente a qualidade da interação pais-bebê nos momentos de brincadeira (Hiniker et al., 2018; Wooldridge & Shapka, 2012). Nesse sentido, o *joint media engagement* (JME) vem sendo amplamente investigado na literatura (Barr & Linebarger, 2017; Ewin et al., 2020), sendo um foco de interesse de desenvolvedores e designers de aplicativos voltados para o público infantil.

O JME se refere ao compartilhamento de experiências entre pais e crianças, nas quais o recurso tecnológico é utilizado para contribuir no engajamento conjunto daquela atividade (Ewin et al., 2020). Ainda, está relacionado ao uso saudável das mídias digitais quando o conteúdo assistido é condizente à faixa etária da criança e os pais estão realmente envolvidos na atividade, nomeando e dando sentido à experiência para ela, associando o que é assistido a vivências reais (Lerner, 2017) e contribuindo para a compreensão do conteúdo visualizado

(Barr, 2019). Essa prática está relacionada na literatura a momentos de brincadeira, leitura, visualização ou criação de conteúdo digital (Ewin et al., 2020).

Porém, a literatura apresenta controvérsias em relação ao JME, investigando como e se o engajamento realmente ocorre quando os dispositivos móveis são usados como ferramentas para brincadeira e aprendizado das crianças (Ewin et al., 2020). Frente a isso, além dos possíveis impactos associados a diferentes tipos de brinquedo para alguns domínios do desenvolvimento infantil, como o de linguagem (Miller et al., 2017), por exemplo, também existe uma preocupação em como o tipo de brinquedo e contexto de brinquedo pode impactar a interação pais-criança (Hiniker et al., 2018; Miller et al., 2017; Skaug et al., 2018; Wooldridge & Shapka, 2012), principalmente se comparados a atividades e brincadeiras compartilhadas que não envolvam as mídias digitais (Ewin et al., 2020). Nesse sentido, estudos recentes buscaram comparar aspectos interacionais da dupla mãe-criança em diferentes momentos de brincadeira (Almeida & Frizzo, 2021; Hiniker et al., 2018; Skaug et al., 2018), considerando a premissa de que diferentes contextos e tipos de atividades podem influenciar na qualidade da interação pais-criança (Wooldridge & Shapka, 2012).

Ao investigar a qualidade da brincadeira de crianças de até três anos com *tablets*, Marsh et al. (2020) realizaram um estudo que contou com a aplicação de *survey online* respondido por 954 pais do Reino Unido. Os participantes responderam a perguntas sobre como os filhos faziam uso do *tablet*. Os achados apontaram que as crianças que faziam uso de *tablets* para brincar frequentemente alternavam o uso com brinquedos analógicos e movimentos físicos, que eram justamente despertados a partir do conteúdo assistido no dispositivo móvel. Os autores concluíram seu estudo enfatizando que o uso das mídias digitais pode trazer contribuir positivamente para a brincadeira e criatividade das crianças se utilizado de forma adequada e aplicada à realidade da criança, embora a noção do que seja de fato adequado nem sempre seja bem definida.

Na mesma direção, Neumann (2017) realizou um estudo com 55 duplas pais-bebê, com crianças de até 4 anos, com o objetivo de investigar como os pais apoiavam o uso de *tablet* dos filhos e suas possíveis associações com variáveis demográficas, relacionadas ao uso em casa e à idade da criança. Os resultados apontaram que a participação ativa dos pais, se deu, principalmente ao estimularem à aprendizagem, buscando ajudar e, conseqüentemente, se comunicando mais com a criança para ajudá-la a resolver atividades difíceis e complexas (Neumann, 2017). Dessa forma, a autora sugere que os dispositivos móveis possibilitam uma posição muito mais ativa que a televisão, por exemplo. Ademais, o estudo sugere que os dispositivos móveis, principalmente os *tablets* podem contribuir para o desenvolvimento cognitivo da criança, dependendo do contexto utilizado.

Por outro lado, estudos que buscam comparar diferenças no uso de brinquedos eletrônicos e tradicionais apontam possíveis prejuízos no uso de brinquedos digitais e eletrônicos para o desenvolvimento da linguagem. Por exemplo, Miller et al. (2017) examinaram como os diferentes tipos de brinquedos (eletrônicos e tradicionais) influenciavam na frequência dos gestos e vocalizações, na frequência e duração da atenção da criança e na frequência do feedback dos pais às vocalizações e gestos da criança. Participaram do estudo 50 duplas pais-bebê estadunidenses (sendo cinco pais), com bebês de nove até doze meses, que foram avaliadas em duas condições. Na primeira brincaram com os brinquedos separados e na segunda com os tradicionais e eletrônicos juntos. Os resultados do estudo apontaram que as crianças produziram mais gestos e vocalizações quando brincaram com os tradicionais e os pais se dirigiram mais às crianças também durante a brincadeira com brinquedos tradicionais.

Tendo isso em vista, o tipo de brinquedo mostra-se um fator de extrema importância para a qualidade da brincadeira conjunta pais-criança, conforme elucidado nos estudos acima, por ser o foco de atenção da dupla naquele momento. Porém, ao escolher quando e qual tipo de mídia utilizar, e até mesmo ao se desenvolver as mais diversas formas de recursos tecnológicos

voltados para as crianças, deve-se levar em consideração três importantes aspectos: o próprio contexto, o conteúdo (que nem sempre está claro qual a finalidade do recurso tecnológico) e as características da criança, como suas habilidades e necessidades, de acordo com as especificidades de cada faixa etária e nível de desenvolvimento (Fitzpatrick et al., 2023; Naranjo-Bock & Ito, 2017) Nesse sentido, é importante que o uso de mídias digitais não seja feito em momentos de rotina e conexão entre seus membros, como, por exemplo, momentos de refeição ou rotina para dormir da criança. Ademais, também é recomendado que, além de que o uso de mídias digitais por crianças de até dois anos seja evitado, que caso ele ocorra exista uma preocupação com o tipo de mídia (se passiva ou ativa) e com o uso em interação com um cuidador, não apenas com o conteúdo assistido, que deve ser adequado para à idade (Fitzpatrick et al., 2023).

Qualidade da interação mãe-bebê e possibilidades de avaliação

A qualidade da interação cuidador-bebê é crucial para o desenvolvimento emocional do indivíduo ao longo da vida, bem como para a constituição do vínculo primário com as figuras de apego (Lotzin et al., 2015). Diversos estudiosos da Psicologia têm apontado para a profunda identificação que existe entre uma mãe e seu bebê neste período inicial da vida. Sabe-se também que a qualidade das primeiras experiências de interação do bebê servirá como base para as posteriores (Bowlby, 1989; Spitz, 2000), contribuindo ou impedindo-o de desenvolver sua tendência inata ao crescimento (Winnicott, 1951/1993).

No que diz respeito ao vínculo estabelecido entre a dupla mãe-bebê, é importante ressaltar o aspecto bidirecional desta relação (Lèclere et al., 2014). Nesse sentido, a qualidade da interação mãe-bebê pressupõe tanto comportamentos maternos que favorecem à interação, como maior sensibilidade e afeto positivo (Ainsworth et al., 1978; Madigan et al., 2019), quanto envolvimento e reciprocidade por parte da criança (Lèclere et al., 2014). Porém, é a partir da resposta sensível do adulto que a criança pode encontrar um ambiente de apoio e

suporte, podendo, assim, ser uma participante ativa e responsiva da interação. Com isso, evidencia-se a natureza mútua nas interações de qualidade nos primeiros anos de vida da criança (Center on the Developing Child of Harvard, 2017), formando um sistema dinâmico que deve ser visto como uma unidade (Lèclere et al., 2014).

Considerando a sutileza da relação mãe-bebê, com seus diversos aspectos verbais e não-verbais, capturar a dimensão afetiva referente às trocas na interação mãe-bebê (Lebovici, 1987), torna-se um desafio operacional e metodológico (Piccinini et al., 2001). Nesse sentido, diversos estudos buscam definir quais comportamentos melhor definem o construto “qualidade da interação”. Por muitos anos, baseado no trabalho pioneiro de Mary Ainsworth (Ainsworth et al., 1978), a sensibilidade materna (também chamada de responsividade) foi o construto mais estudado em relação à temática (Alvarenga & Cerezo, 2014; Madigan et al., 2019; Piccinini et al., 2007). Porém, além de não ser o único a ser considerado ao se avaliar a qualidade da interação mãe-bebê, existem até mesmo contradições em relação à uniformidade do que o construto se propõe a medir (Bohr et al., 2018).

Dessa forma, outros comportamentos (positivos ou negativos), tanto parentais quanto infantis também apresentam extrema relevância ao se avaliar a qualidade da interação mãe-bebê. Alguns exemplos são: afeto positivo ou negativo, estruturação, intrusividade, estimulação cognitiva, dentre outros (Adam et al., 2004; Piccinini et al., 2007; Swanson et al., 2000). Ademais, fatores contextuais e de características da dupla também são muito relevantes para compreender a qualidade da interação (Adam et al. 2004; Aran et al., 2021; Cassiano & Linhares, 2015; Rocha et al., 2019).

Através da observação sistemática é possível identificar e avaliar os padrões interativos da dupla cuidador-criança, nos mais variados contextos (Alvarenga & Cerezo, 2014). Sendo assim, apesar de uma série de dificuldades e contradições, a literatura aponta que uma forma frequente de captar importantes aspectos da interação mãe-bebê é através de filmagens de

observação da díade (Alvaranga & Cerezzo, 2014; Brockington et al., 2017; McDonough, et al. 2004; Cramer et al., 1990, Guedeney & Guedeney, 2010). Consideram-se esses momentos de observação da díade mãe-bebê, tanto em contextos naturalísticos quanto de laboratório (Alvarenga & Cerezzo, 2014), como uma importante ferramenta de avaliação para detectar possíveis dificuldades na relação da dupla, possibilitando a avaliação de dimensões relacionais, como a sincronia da díade, sorrisos e toque (Serra et al., 2020).

Ademais, são recomendadas micro ou macro análises, a depender dos objetivos do estudo e referencial teórico utilizado. Análises à nível micro são mais frequentemente utilizadas quando se objetiva observar comportamentos específicos e pode variar de acordo com o contexto. Já as análises macro tendem a fornecer uma visão mais global da dupla, de uma forma mais estável, refletindo o estilo de interação da díade (Bohr et al., 2018). Além disso, microanálises são consideradas mais objetivas e menos abertas a interpretações. Já as macros podem ser mais subjetivas. Cabe ressaltar que os dados fornecidos em ambas são considerados complementares, sendo distintos um do outro (Bohr et al., 2018).

Uma frequente dificuldade com a qual pesquisadores brasileiros se deparam diz respeito ao acesso aos instrumentos de observação da interação pais-bebê. Muitos deles são construídos no exterior e pagos, exigindo longos treinamentos, dificultando o acesso aos mesmos. Com isso, evidencia-se a necessidade da construção e/ou validação e adaptação de instrumentos para a população brasileira.

JUSTIFICATIVA

Frente ao uso e exposição cada vez mais constante das crianças de até 3 anos às mídias digitais (Azevedo et al., 2022), torna-se cada vez mais urgente e relevante um olhar específico em relação ao uso feito por bebês nos mais diversos contextos. Dado o rápido avanço tecnológico da atualidade, as mudanças e aumento do uso das mídias digitais também são

evidenciados no contexto de brincadeira conjunta cuidador-bebê, que, conforme supracitado, tem extrema importância para o desenvolvimento infantil e para a relação pais-bebê.

Ademais, estudos que abordam a temática não apresentam consenso quanto à recomendação de utilizar ou não as mídias digitais em momentos de brincadeira dos bebês e *se e como* ela pode contribuir ou não para a qualidade da interação e para o desenvolvimento infantil. Além disso, de acordo com nossas buscas, não foram encontrados estudos brasileiros com enfoque neste tema.

Uma importante forma de compreender esse fenômeno é através da avaliação da qualidade da interação pais-bebê nesses distintos momentos de brincadeira conjunta. Apesar de existirem diversos instrumentos à nível internacional de avaliação deste construto, a maioria não foi realizada ou adaptada para a população brasileira, além de não exigirem treinamento certificado e pago, o que muitas vezes é inviável na realidade do nosso país. Com isso, na elaboração da presente tese também foi incluído um estudo de validação de um protocolo para observação pais-bebê, construído anteriormente pelo grupo de pesquisa.

OBJETIVOS

Tendo isso em vista, o objetivo geral da presente tese foi investigar a qualidade da interação mãe-bebê em diferentes contextos de brincadeira. Para isso, a presente tese contou com a elaboração de três artigos. A saber, o primeiro foi uma *scoping review*, buscando mapear a literatura científica acerca da brincadeira conjunta pais-bebê envolvendo o uso das mídias digitais. Já o segundo artigo teve como foco a validação de um Protocolo de Avaliação da Interação Diádica, viabilizando assim a análise da qualidade da interação utilizada no artigo 3, que objetivou comparar a qualidade da interação mãe-bebê em três diferentes momentos de brincadeira. Foram eles: brincar sem objetos, com brinquedos e com o celular

Ademais, também se tem como objetivo produzir conhecimento a respeito do tema nos quais os pais e profissionais da saúde possam se embasar para buscar maneiras de

potencializar ao máximo os benefícios da criança pequena nessa atividade tão crucial da infância e minimizar possíveis “interferências” que as mídias digitais possam causar. Os três estudos realizados serão descritos a seguir.

Artigo 1:

Brincadeira conjunta pais-criança no contexto das mídias digitais: uma *scoping review*¹

Resumo

Objetivou-se mapear a literatura existente a respeito do uso das mídias digitais em momentos de brincadeira conjunta pais/mães-criança e seus possíveis impactos sobre domínios do desenvolvimento infantil através de uma *scoping review*. Selecionou-se 14 artigos, descritos e sintetizados a partir de análise temática. Identificou-se 3 temas. O primeiro, “Brincadeira tradicional *versus* brincadeira digital”, indicou que os impactos das mídias digitais para a brincadeira conjunta incluíram aspectos positivos e negativos. O segundo, “Benefícios para a interação em brincadeiras com o uso das mídias digitais”, apontou que os cuidadores foram mais sensíveis, estruturantes e encorajadoras durante a brincadeira com mídias digitais. Já o terceiro, “Prejuízos associados à brincadeira com uso de mídias”, indicou maior isolamento da criança ao brincar com mídias e menor comunicação da díade na brincadeira. O uso das mídias digitais na brincadeira mostrou-se predominantemente positivo, possibilitando interações ricas pais-criança. Porém, deve-se atentar à qualidade da comunicação durante a atividade.

Palavras-chave: interação pais-criança; mídias digitais; brincar; desenvolvimento infantil.

¹ Artigo submetido para publicação na Revista Psico-USF em 24/03/2023.

Abstract

The objective was to map the existing literature on the use of digital media during parent-child play and its possible impacts on domains of child development through a scoping review. Fourteen articles were selected, described and synthesized from thematic analysis. Three themes were identified. The first, "Traditional play versus digital play," indicated that the impacts of digital media to joint play included both positive and negative aspects. The second, "Benefits to interaction in play with the use of digital media," pointed out that caregivers were more sensitive, structuring, and encouraging during play with digital media. The third, "Impairments associated with play with media use," indicated more isolation of the child when playing with media and less dyadic communication during play. The use of digital media in play proved to be predominantly positive, enabling rich parent-child interactions. However, attention should be paid to the quality of communication during the activity.

Keywords: parent-child interaction; digital media; play; child development.

Artigo 2:***Psychometric properties of the Dyadic Interaction Assessment Protocol (PAID) for assessing caregiver-child interaction quality*****ABSTRACT**

The relationship that caregivers establish with the child in the first years of life is fundamental, especially for social and emotional development. Proper assessment of interaction quality is essential for both identifying positive aspects of the dyad's relationship and detecting problems at an early stage. This study aimed to assess the psychometric properties of the Dyadic Interaction Assessment Protocol (*PAID*), an observational tool. Using a sample of 71 mother-child dyads, we found evidence of a two-factor structure after performing exploratory factor analysis. The first dimension was defined as “Dyadic features” and included the children’s categories of Involvement, Interaction, Positive affect, Negative affect, and maternal categories of Sensitivity and Intrusiveness. The second factor comprised “Adult features” including the categories of Positive affect, Negative affect, Cognitive stimulation, and Disengagement. Interrater reliability was estimated via intraclass correlation coefficient and ranged from 0.64 to 1. Reliability analysis of the two factors indicated high internal consistency with Cronbach's alpha values of 0.84 for Factor 1 and 0.77 for Factor 2. Convergent validity was performed by comparing PAID with another similar instrument, the *Scale of Maternal Interactive Behavior* (SMIB). All of the correlation directions behaved as expected. The results support the idea that PAID evaluates both a bidirectional aspect of the interaction (Factor 1) and an adult-centered aspect (Factor 2) consistent with the theoretical background of this instrument. PAID is a valid observational tool that can be used to assess caregiver-child interaction quality in Brazil.

Key-words: mother-child interaction; psychometric properties; observational measures.

RESUMO

A relação que os cuidadores estabelecem com a criança nos primeiros anos de vida é fundamental, especialmente para o desenvolvimento emocional e social. A avaliação adequada da qualidade da interação é essencial tanto para identificar aspectos positivos da relação quanto para detectar problemas precocemente. O presente estudo teve como objetivo avaliar as propriedades psicométricas do instrumento de observação Protocolo de Avaliação da Interação Diádica (PAID). A partir de uma amostra de 71 díades mãe-bebê, após a realização de análise fatorial exploratória, foi encontrada uma estrutura de dois fatores. A primeira dimensão foi definida como “Características da díade” e incluiu as categorias infantis Envolvimento com o ambiente, Interação com o cuidador, Afeto positivo e Afeto negativo, além das categorias maternas Sensibilidade e Intrusividade. O segundo fator, “Características do Adulto” incluiu as categorias Afeto positivo, Afeto negativo, Estimulação cognitiva e Desengajamento. A confiabilidade entre juízes foi estimada através do coeficiente de correlação intraclass e variou entre 0,64 e 1. A análise de confiabilidade dos dois fatores indicou alta consistência interna, com valores de alfa de Cronbach de 0,84 para o Fator 1 e 0,77 para o Fator 2. A validade convergente foi realizada comparando-se o PAID com outro instrumento semelhante, a Escala de Comportamentos Interativos Maternos (ECIM). Todas as direções das correlações se comportaram como esperado. Os resultados sugerem a ideia de que o PAID avalia tanto um aspecto bidirecional da interação (Fator 1) como um aspecto centrado no adulto (Fator 2), o que é consistente com a fundamentação teórica deste instrumento. O PAID é um instrumento observacional válido que pode ser utilizado para avaliar a qualidade da interação cuidador-criança no Brasil.

Artigo 3:**Play with smartphone compared to toy play and free play: Differences in the type of play for the quality of mother-child interactions****Abstract**

Play is a fundamental activity that promotes a child's health and overall well-being. Joint caregiver-child play is important during the child's first years of life, also contributing to the quality of early interactions up to the age of three. Nowadays, an increasing number of play situations involve a diverse array of technological resources, ranging from electronic and smart toys to tablets and smartphones. Therefore, it is urgent to investigate whether and in what ways the changes in parent-child joint play within the current technological environment may influence the quality of their interactions during these moments. The aim of the present study was to compare the quality of mother-infant interaction in three different moments of play. We examined the quality of interaction of 34 mother-infant dyads (children mean age of 17.02 months (SD=8.91), using the Dyadic Interaction Assessment Protocol (PAID) during free play (without toys), play with toys and play with smartphone. Results showed significantly lower scores in the play with smartphone condition in all children and in almost all maternal categories. These data suggested that mother-child play with toys and without toys is related to a higher quality of mother-child interactions than play with smartphones. However, we discussed the lack of difference in maternal sensitivity and the important role of mother's during joint play.

Keywords: play; digital play; play with toys; mother-child interaction; children development.

Resumo

O Brincar é uma atividade fundamental que promove a saúde e o bem-estar geral da criança. A brincadeira conjunta entre o cuidador e a criança é importante durante os primeiros anos de vida, contribuindo também para a qualidade das interações precoces até aos três anos de idade. Atualmente, um número crescente de situações de brincadeira envolve um conjunto diversificado de recursos tecnológicos, desde brinquedos eletrônicos e inteligentes a *tablets* e *smartphones*. Assim, é urgente investigar se e de que forma as mudanças nas brincadeiras conjuntas entre pais e filhos no atual ambiente tecnológico podem influenciar a qualidade das suas interações durante esses momentos. O objetivo do presente estudo foi comparar a qualidade da interação mãe-bebê em três momentos diferentes de brincadeira. Foi examinada a qualidade da interação de 34 díades mãe-bebê (idade média das crianças de 17,02 meses (DP=8,91), utilizando o Protocolo de Avaliação da Interação Diádica (PAID) durante a brincadeira livre (sem brinquedos), a brincadeira com brinquedos e a brincadeira com o smartphone. Os resultados mostraram pontuações significativamente mais baixas na condição de brincar com o smartphone em todas as categorias infantis e em quase todas as categorias maternas. Estes dados sugerem que a brincadeira mãe-criança com brinquedos e sem brinquedos está relacionada com uma melhor qualidade das interações mãe-bebê do que a brincadeira com smartphones. No entanto, também foi discutida a não diferença na sensibilidade materna e o importante papel da mãe durante a brincadeira conjunta.

Palavras-chave: brincar; brincar com mídias digitais; brincar com brinquedos; interação mãe-bebê; desenvolvimento infantil.

DISCUSSÃO GERAL

A presente tese contribui para a literatura científica ao abordar aspectos da brincadeira conjunta pais-bebê no contexto das mídias digitais, bem como ao analisar as possíveis diferenças na qualidade da interação mãe-bebê em três momentos de brincadeiras distintos: brincar sem objetos, com brinquedos e com o celular. Outra contribuição igualmente importante diz respeito à avaliação das propriedades psicométricas do instrumento de observação da interação mãe-bebê intitulado “Protocolo de Avaliação da Interação Diádica (PAID)”. Para tal, foram elaborados três artigos, sendo um deles uma *scoping review* e dois estudos empíricos. Em conjunto os estudos se complementam e se encadeiam entre si.

O primeiro estudo tratou de uma *scoping review* sobre a brincadeira conjunta pais-criança no contexto das mídias digitais. Nessa revisão foi realizada uma análise temática (Braun & Clarke, 2019) a partir da síntese dos resultados, na qual foram construídos três temas (“Brincadeira tradicional *versus* brincadeira digital”, “Benefícios para a interação em brincadeiras com o uso das mídias digitais” e “Prejuízos associados à brincadeira com uso de mídias”). Através do primeiro tema foi possível identificar, de forma geral, que os estudos comumente comparam o uso das mídias digitais e/ou brinquedos eletrônicos com outras formas de brincadeira (Almeida & Frizzo, 2021; Lee & Wood, 2020; Sung, 2018; Skaug et al., 2018a; Skaug et al., 2018b; Wooldridge & Shapka, 2012). Essa forma de investigação é muito relevante e vem se mostrando cada vez mais frequente devido às constantes mudanças e modernizações nas formas de brincar (Healey et al., 2019). Porém, alguns autores sugerem a importância de buscar integrar os brinquedos analógicos e os digitais (Edwards, 2014; Frois, 2010), enquanto outros ressaltam os prejuízos envolvidos na brincadeira com o uso das mídias digitais (Ewin et al., 2021; Hiniker et al., 2018; Miller et al., 2017; Sosa, 2016; Wooldridge & Shapka, 2012), que foram o enfoque dos outros dois temas.

Os temas identificados nesse estudo fazem pensar a respeito dos mesmos questionamentos sobre riscos e benefícios em relação ao uso das mídias digitais de forma geral. Conforme apontam Ashton & Beattie (2019), as evidências que sugerem prejuízos no uso das mídias digitais muitas vezes não são sólidas, além de não apontarem uma relação de causa e efeito. Porém, alguns estudos com enfoque no brincar e não no uso das mídias digitais em si, parecem trazer uma visão mais positiva da inserção das mídias digitais no contexto das brincadeiras. Nesse sentido, considerando o mundo tecnológico da atualidade, de fato parece mais prudente pensar em formas de fazer o melhor uso possível das mídias digitais (Barr, 2019) ao invés de simplesmente recomendar ou não o uso. E dado à especificidade das crianças de até três anos, é imprescindível que esse “melhor uso possível” aconteça em interação com os cuidadores (Coyner et al., 2017).

Diante dos resultados da *scoping review*, considerou-se importante avaliar a qualidade da interação mãe-bebê em diferentes momentos de brincadeira (com e sem o uso das mídias digitais), bem como testar as propriedades psicométricas do Protocolo de Avaliação da Interação Diádica (PAID), com o intuito de viabilizar a análise do artigo anterior, além de trazer uma importante contribuição ao grupo de pesquisa. Com isso, os demais artigos foram construídos no intuito de preencher essas lacunas. Dessa forma, o segundo artigo da presente tese foi a referida validação.

Conforme supracitado, também foi evidenciada a falta de instrumentos de avaliação da interação pais-bebê válidos e disponíveis para a população brasileira. Nesse sentido, esse artigo traz dados relevantes não só para a temática das mídias digitais, mas também ao campo da interação pais-bebê. O Protocolo, que apresentou propriedades psicométricas aceitáveis, pode ser utilizado em qualquer contexto de brincadeira, além de ser gratuito e disponibilizar de forma detalhada as definições das categorias utilizadas, bem como exemplos e instruções sobre como

codificar as observações a partir da sequência interativa realizada nas análises do artigo (baseadas no Kia-Profile, de Pinto (2007) e Stern & Robert-Tissot (1989)).

Embora a sensibilidade seja a dimensão mais comumente utilizada para avaliar a interação pais-bebê, ela não deve ser a única a ser considerada (Bohr et al., 2018). O PAID é composto por dez categorias que englobam importantes comportamentos infantis (afetos positivo e negativo, envolvimento com o ambiente e interação com o cuidador) e parentais (sensibilidade, estimulação cognitiva, afetos positivo e negativo, desengajamento e intrusividade). A validação do protocolo considerou as categorias de forma macroanalítica. No entanto, novos estudos podem avaliar como elas se comportam de forma microanalítica, a depender dos objetivos do estudo, especialmente buscando avaliar eventuais mudanças ao longo dos episódios filmados de interação. O PAID também possui uma versão para análise da interação triádica, que não foi validada no presente estudo.

A partir da validação do PAID foi possível realizar a análise do terceiro artigo, que objetivou comparar a qualidade da interação mãe-bebê em três momentos de brincadeira (brincar sem objetos, brincar com brinquedos e brincar com o celular). Conforme mencionado anteriormente, alguns estudos envolvendo a temática da brincadeira no contexto das mídias digitais apresentam uma visão positiva e focada em potencialidades do uso (Marsh et al., 2020). Porém, os possíveis prejuízos associados ao uso das mídias digitais são preocupantes e devem ser investigados. Nesse sentido, esse estudo mostra-se relevante, considerando as contradições nos estudos da área e a atualidade da temática.

Destacam-se importantes contribuições a partir dos resultados deste estudo. Os dados do artigo sugerem que a brincadeira sem objetos e com brinquedos estão associadas a maior qualidade da interação mãe-bebê durante a brincadeira. Ainda, um ponto interessante diz respeito às categorias infantis, uma vez que em todas elas houveram diferenças significativas entre a brincadeira sem objetos e/ou com brinquedos. Nesse sentido, pensando nas contradições

na literatura sobre o potencial das mídias digitais durante a brincadeira, o presente estudo aponta para maior qualidade da interação nas brincadeiras sem o uso do smartphone. Embora os resultados não apresentem uma relação de causalidade, reforçam a importância da promoção da brincadeira sem o uso de telas.

Por outro lado, os dados do estudo também sugerem que a sensibilidade materna não se altera devido ao contexto de brincadeira. Com isso, se pode pensar na importância de que profissionais apoiem e incentivem que os cuidadores e responsáveis priorizem brincadeiras sem o uso de telas, com brinquedos adequados para a idade da criança e, se possível, ao ar livre e em contato com a natureza (Souza et al., 2022). Porém, também é possível que a brincadeira no contexto das mídias digitais tenha um potencial positivo e criativo para a dupla, caso o uso seja adequado e favoreça a interação. Para que isso aconteça talvez seja necessário integrar o mundo analógico e o digital de uma forma ponderada e produtiva, possibilitando assim um bom uso dos recursos tecnológicos (Edwards, 2014). Ademais, também são indicadas intervenções educativas para auxiliar os pais a compreenderem qual a melhor forma de usar as mídias digitais de forma a favorecer a interação e desenvolvimento da criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é uma tarefa fácil elaborar um texto com o objetivo de finalizar as discussões suscitadas na presente tese e ao longo de toda a trajetória que envolve um Doutorado, uma vez que os questionamentos e sugestões para estudos futuros nunca se encerram. Ademais, isso se torna ainda mais complexo ao se considerar o uso das mídias digitais, visto que este tema está em constante e rápida evolução.

Porém, a presente tese abordou pontos importantes no que tange o uso das mídias digitais feito por crianças de até dois anos em momentos de brincadeira. Devido à singularidade do uso das mídias digitais feito por bebês, os artigos tiveram como foco a brincadeira conjunta

mãe-bebê, em função de as recomendações de diversas sociedades de pediatria apontarem que o uso em interação com o cuidador deve ser sempre priorizado. Somado a isso, também foi considerada a importância dos momentos de brincadeira entre o bebê e seu cuidador para diversos domínios do desenvolvimento infantil, bem como uma forma de promoção de maior interação de qualidade entre a dupla.

Como limitações, ressalta-se, primeiramente, o nível socioeconômico e de escolaridade das mães participantes. Com isso, não foi possível abranger outros níveis socioeconômicos, que devem ser investigados em estudos futuros. Ademais, não foram investigadas diferenças em relação à idade e gênero dos bebês, nem a interação com pais e demais cuidadores. Também se sugere a realização de estudos qualitativos para fornecer uma compreensão mais detalhada sobre como ocorrem os momentos de brincadeira em situações reais e do dia-a-dia das famílias, bem como a visão e motivação dos cuidadores para usá-las. Além disso, são necessários estudos que foquem na qualidade da brincadeira em si, além de outros aspectos como engajamento da criança, atenção conjunta, aprendizagem e desenvolvimento da linguagem.

O objetivo inicial do estudo foi investigar mais especificamente a qualidade da interação mãe-bebê em momentos de brincadeira com o uso das mídias digitais, buscando compreender se o seu uso interfere ou não na interação da dupla nesse momento. Pode-se pensar que a pergunta de pesquisa foi parcialmente respondida. Além disso, ao longo da construção da tese, também foi sendo constatada a relevância de um olhar específico para a interação mãe-bebê, que resultou no segundo artigo da tese. Ter inserido a validação de um Protocolo de avaliação da interação mãe-bebê previamente pelo grupo de pesquisa foi uma contribuição muito produtiva e enriquecedora, além de proporcionar a integração de outros interesses de pesquisa do grupo.

Tomados em conjunto, os dados da presente tese trouxeram avanços na compreensão do uso das mídias digitais em momentos de brincadeira conjunta mãe-bebê. O primeiro artigo

forneceu dados importantes sobre o panorama atual do contexto de brincadeiras vividos pelas crianças da atualidade, enfatizando a tendência de alguns estudos buscarem integrar o mundo “real” com o tecnológico. Porém, o terceiro estudo contribui para a compreensão de que um uso criativo e positivo das mídias digitais em momentos de brincadeira pode ser possível, para que isso ocorra é preciso pensar em formas positivas do uso. De certa forma o estudo vai ao encontro da ideia de buscar integrar os brincar analógico e o digital, mas reforçando o cuidado de que o digital não se sobreponha ou ocorra em excesso, pois existem momentos de trocas extremamente importantes e constitutivos para a criança pequena que ocorrem nas interações reais e face-a-face que não podem e nem devem ser substituídos pelo virtual. Como foi visto nos dados, embora se beneficiem do uso das mídias digitais, as crianças pequenas se mostram mais envolvidas e felizes nas interações com o cuidador sem o uso das mídias digitais. Esse dado se mostra de extrema importância em um tempo no qual as demandas e dificuldades enfrentadas pelos cuidadores podem contribuir para que os pais e mães muitas vezes atribuam um papel mais importante do que deveriam ao uso das mídias digitais, podendo pensar que elas possam ser mais benéficas em alguns aspectos do que a sua própria interação com os filhos. Espera-se que essa tese lance um olhar para a importância crucial do papel e disponibilidade dos cuidadores em uma atividade tão crucial e característica da infância, que é a brincadeira.

REFERÊNCIAS

- Adam, E. K., Gunnar, M. R., & Tanaka, A. (2004). Adult Attachment, Parent Emotion, and Observed Parenting Behavior: Mediator and Moderator Models. *Child Development*, 75(1), 110-122. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2004.00657.x>
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Lawrence Erlbaum.

Almeida, M. L., & Frizzo, G. B. (2021). Mídias digitais e qualidade da interação mãe-bebê:

revisão de literatura. *Revista Saúde e Desenvolvimento Humano*, 9(3), 1-10.

<https://doi.org/10.18316/sdh.v9i3.7513>

Alvarenga, P. & Cerezo, M. A. (2014). Fidedignidade da versão brasileira do Sistema SOCIII

para análise da interação mãe-criança. *Avaliação Psicológica*, 13(1), 47-56. Retrieved

from:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712014000100007&lng=pt&nrm=iso>

American Academy of Pediatrics, Committee on Communications and the Committee on

Psychosocial Aspects of Child and Family Health. (2007). The Importance of play in

Promoting Healthy Child Development and Maintaining Strong Parent-Child Bonds.

Pediatrics, 119(1), 182-191. doi: 10.1542/peds.2006-2697

American Academy of Pediatrics, Council on Communications and Media. (2016). Media and

young minds. *Pediatrics*, 138(5), 1-8. <https://doi.org/10.1542/peds.2016-2591>

Amodia-Bidakowska, A., Laverty, C., & Ramchandani, P. G. (2020). Father-child Play: a

Systematic Review of its frequency, characteristics and potential impact on children's

development. *Developmental Review*, 57, 1-17. [https://doi.org/](https://doi.org/10.1016/j.dr.2020.100924)

[10.1016/j.dr.2020.100924](https://doi.org/10.1016/j.dr.2020.100924)

American Psychological Association. (2019). Digital media. *Thesaurus of psychological index*

terms. Retrieved from [https://psycnet-](https://psycnet-apa.ez45.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media)

[apa.ez45.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media](https://psycnet-apa.ez45.periodicos.capes.gov.br/thesaurus/item?term=digital%20media)

Aran, P., Lewis, A. J., Watson, S. J., Nguyen, T., & Galbally, M. (2021). Emotional

availability in women with bipolar disorder and major depression: A longitudinal

pregnancy cohort study. *Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, 00(0), 1-

10. <https://doi.org/10.1177/0004867421998>

- Ashton, J. J., & Beattie, R. M. (2019). Screen time in children and adolescents: Is there evidence to guide parents and policy? *The Lancet Child & Adolescent Health*.
[https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(19\)30062-8](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(19)30062-8)
- Azevedo, E. C., Riter, H. da S., Pieta, M. A. M., & Frizzo, G. B. (2022). Digital media use on interactions between mother and child: differences in infants' early years. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 32. <https://doi.org/10.1590/1982-4327e3210>
- Barr, R. (2019). Growing Up in the Digital Age: Early Learning and Family Media Ecology. *Current Directions in Psychological Science*, 28(4), 341-346.
doi.org/10.1177/0963721419838245
- Barr, R., & Linebarger, D. N. (2017). The New Blooming, Buzzing Confusion: Introduction to Media Exposure During Infancy and Early Childhood. In: Barr, R., & Linebarger, D. N. Orgs, *Media Exposure During Infancy and Early Childhood: The effects of Content and Context on Learning and Development* (pp. XI-XVI). Switzerland: Springer
- Bentley, G. F., Turner, K. M., & Jago, R. (2016). Mother's view of their preschool child's screen-viewing behavior: a qualitative study. *Bio Med Central Public Health*, 16(718) 1-12. doi: 10.1186/s12889-016-3440-z
- Bohr, Y., Putnick, D. L., Lee, Y., & Bornstein, M. H. (2018). Evaluating Caregiver Sensitivity to Infants: Measures Matter. *Infancy*, 23(5), 730-747.
<https://doi.org/10.1111/inf.12248>
- Bozzola, E., Spina, G., Ruggiero, M., Memo, L., Agostiniani, R., Bozzola, M., Corsello, G., & Villani, A. (2018). Media devices in pre-school children: The recommendations of the Italian pediatric society. *Italian Journal of Pediatrics*, 44(69), 1-5. doi: 10.1186/s13052-018-0508-7
- Bowlby, J. (1989) *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas

- Brockington, I., Butterworth, R., & Glangeaud-Freudenthal, N. (2017). An international position paper on mother-infant (perinatal) mental health, with guidelines for clinical practice. *Archives of Women's Mental Health, 20*, 113-120. doi:10.1007/s00737-016-0684-7.
- Braun, V., Clarke, V., Hayfield, N., & Terry, G. (2019). *Thematic Analysis. Handbook of research methods in Health Social Sciences* (P. Liamputtong, Ed.). Springer Nature.
- Brown, A. & Smolenaers, E. (2018). Parents' interpretations of screen time recommendations for children younger than 2 years. *Journal of Family Issues, 39*(2), 406–429. doi: 10.1177/0192513X16646595
- Cassiano, R. G. M., & Linhares, M. B. M. (2015). Temperamento, maturidade e comportamento interativo mãe-criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica, 28*(2), 416–424. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528222>
- Center on the Developing Child at Harvard University. (2017). *Três Princípios para Obter Resultados Melhores para as Crianças e as Famílias*.
<http://www.developingchild.harvard.edu>
- Chassiakos, Y. R., Radesky, J., Christakis, D. A., Moreno, M. A., & Cross, C. (2016). Children and adolescents and digital media. *American Academy of Pediatrics, 138*(5), 1-20. doi: 10.1542/peds.2016-2593
- Coyner S. M., Radesky J., Collier K. M., Gentile, D. A., Linder, J. R., Nathanson, A. I., Rasmussen, E. E., Reich, S. M., & Rogers, J. (2017) Parenting and digital media. *Pediatrics. 140*(2), 112–116. doi: 10.1542/peds.2016-1758N.
- Cramer, B., Robert-Tissot, C., Stern, D. N., Serpa-Rusconi, S., DeMuralt, M., & Besson, G. (1990). Outcome evaluation in brief mother psychotherapy: A brief report. *Infant Mental Health Journal, 11*, 278-300.

- Christakis, D. A. (2014). Interactive media use at younger than the age of 2 years: time to rethink the american academy of pediatrics guideline? *JAMA Pediatrics*, *168*(5), 399-400.
- Delval, J. (2011). *O Desenvolvimento Psicológico Humano*. Editora Vozes.
- Domingues-Montanari, S. (2017). Clinical and psychological effects of excessive screen time on children. *Journal of Paediatrics and Child Health*, *53*, 333–338. doi: 10.1111/jpc.13462
- Edwards, S. (2014). Towards contemporary play: Sociocultural theory and the digital-consumerist context. *Journal of Early Childhood Research*, *12*(3), 219-233. doi: 10.1177/1476718X14538596
- Ewin, C. A., Reupert, A. E., McLean, L. A., Ewin, C. J. (2020) The impact of joint media engagement on parent-child interactions: a systematic review. *Human Behavior and Emerging Technologies*, 1-25. doi: [10.1002/hbe2.203](https://doi.org/10.1002/hbe2.203)
- Fitzpatrick, C., Binet, M. A., Cristini, E., Almeida, M. L., Bégin, M., & Frizzo, G. B., (2023). Reducing harm and promoting positive media use strategies: new perspectives in understanding the impact of preschooler media use on health and development. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, *36*(19), 1-14. <https://doi.org/10.1186/s41155-023-00262-2>
- Fróis, E. S. (2010). *As Práticas da Criança na Contemporaneidade: o brincar analógico e digital*. (Dissertação de Mestrado). PUC, Belo Horizonte, Minas Gerais
- Guedeney, A., & Guedeney, N. (2010) The era of using video for observation and intervention in infant mental health. Newsletter of the World Association for Infant Mental Health, *18*(02), 1-14. Retrieved from www.waimh.org/files/Signal/Signal_2_2010.pdf

- Healey, A., Mendelsohn, A., & AAP COUNCIL ON EARLY CHILDHOOD. (2019).
 Selecting Appropriate Toys for Young Children in the Digital Era. *Pediatrics*, *134*(1),
 1-10. <https://doi.org/10.1542/peds.2018-3348>
- Hiniker, A., Lee, B., Kientz, J. A., & Radesky, J. S. (2018). Let's play! Digital and analog
 play patterns between preschoolers and parents. *Proceedings of the SIGCHI
 Conference on Human Factors in Computing Systems*, 1–13.
<https://doi.org/10.1145/3173574.3174233>
- Johnson, J. E. & Christie, J. F. (2009). Play and Digital Media. *Computers in the Schools*,
26(4), 284-289. doi: 10.1080/07380560903360202
- Kabali, H. K., Irigoyen, M. M., Nunez-Davis, R., Budacki, J. G., Mohanty, S. H., Leister, K.
 P., & Bonner, R. L. (2015). Exposure and use of mobile media devices by young
 children. *Pediatrics*, *136*(6), 1044-1050. doi: 10.1542/peds.2015-2151
- Kildare, C. A. & Middlemmis, W. (2017). Impact of parents mobile device use on parent-
 child interaction: a literature review. *Computers in Human Behavior*, *75*, 579-593.
 doi: 10.1016/j.chb.2017.06.003
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original
 publicado em 1983).
- Lèclere, C., Viaux, S., Avril, M., Achard, C., Chetouani, M., Missonnier, S., & Cohen, D.
 (2014). Why synchrony matters during mother-child interactions: a systematic review.
Plos One, *9*(12), 1–34. doi:10.1371/journal.pone.0113571.
- Lee, J. & Wood, E. (2020). Examining Parent-Child Spatial Play Interaction Using
 Traditional Toys and Touch Screen Tablets. *Parenting Science and Practice*, *21*(4),
 304-331. <https://doi.org/10.1080/15295192.2020.1811062>
- Lerner, C. (2017). Context Matters: How Co-using Screen Media Impacts Young Children.
 In: Barr, R., & Linebarger, D. N. Orgs, *Media Exposure During Infancy and Early*

- Childhood: The effects of Content and Context on Learning and Development* (pp. 195-204). Switzerland: Springer
- Lotzin, A., Lu, X., Kriston, L., Schiborr, J., Musal, T., Romer, G., & Ramsauer, B. (2015). Observational tools for measuring parent-infant interaction. A systematic review. *Clinical Child & Family Psychology Review*, 18(2), 99-132. doi:10.1007/s10567-015-0180-z
- Madigan, S., Prime, H., Graham, A. S., Rodrigues, M., Anderson, N., Khoury, J., & Jenkins, J. M. (2019). Parenting Behavior and Child Language: A Meta-analysis. *Pediatrics* 144(4), <https://doi.org/10.1542/peds.2018-3556>
- Marsh, J., Lahmar, J., Plowman, L., Yamada-Rice, D., Bishop, J., & Scott, F. (2020). Under three's play with tablet. *Journal of Early Childhood Research*, 00(0), 1-15. <https://doi.org/10.1177/1476718X20966688>
- Matsumoto, M., Aliagas, C., Morgade, M., Corroero, C., Galera, N., Roncero, C., & Poveda, D. (2016). Young children (0-8) and digital technology: a qualitative exploratory study. *National Report of Spain, Joint Research Centre European Commission*, 1-85. Retrieved from: http://www.academia.edu/35046586/Young_children_0-and_digital_technology_-_What_changes_in_one_year_Spain_National_Report
- McDaniel, B. T., & Radesky, J. S. (2018). Technoference: parent distraction with technology and associations with child behavior problems. *Child Development*, 89,(1) 100-109. doi: 10.1111/cdev.12822
- McDonough, S. C., Sameroff, A. J., & Rosenblum, K. L. (2004). Interaction Guidance: Promoting and Nurturing the Caregiving Relationship. In *Treating parent-infant relationship problems: Strategies for intervention* (pp. 79-96). New York: Guilford Press.

- Moreno, M. A., (2016). Supporting Child Play. *JAMA Pediatrics*, 170(2), 184. Disponível em: <https://jamanetwork.com>
- Miller, J. L., Lossia, A., Suarez-Rivera, C., & Gros-Louis, G. (2017). Toys that squeak: Toy type impacts quality and quantity of parent-child interactions. *First Language*, 00(0), 1-18. doi: 10.1177/0142723717714947
- Naranjo-Bock, C. & Ito, J. (2017). Playing Together: the Importance of Joint Engagement in the Design of Technology for Children. *Proceedings of the Interaction Design and Children*, 749-752. doi: 10.1145/3078072.3081310
- Neumann, M. M. (2017). Parent scaffolding of young children's use of touchscreen tablets. *Early Child Development and Care*, 188(12), 1654-1664. <https://doi.org/10.1080/03004430.2016.1278215>
- Oliveira, L. D. B., Vieira, M. L., & Cordazzo, S. T. D. (2008). “Brincar” como agente promotor de saúde no desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 42(2), 193-215. doi: 10.5007/2178-4582.2008v42n1-2p193
- Piccinini, C. A., Moura, M. L. S. de, Ribas, A. F. P., Bosa, C. A., Oliveira, E. A. de, Pinto, E. B., ... Chahon, V. L. (2001). Diferentes Perspectivas na Análise da Interação Pais-Bebê/Criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 469-485. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300004>
- Piccinini, C. A., Alvarenga, P., & Frizzo, G. B. (2007). Responsividade como foco de análise da interação mãe-bebê e pai-bebê. In C. A. Piccinini & M. L. S. de Moura (Eds.), *Observando a interação pais-bebê-criança: Diferentes abordagens teóricas e metodológicas* (pp. 131-148). Casa do Psicólogo.
- Pinto, E.B. (2007). *A análise das interações pais/bebê em abordagem psicodinâmica: clínica e pesquisa*. In: C. Piccinini & M. L. S. Moura (orgs.). *Observando as primeiras*

interações pais/bebê/criança: diferentes abordagens teóricas e metodológicas (pp. 32-72). Casa do Psicólogo.

- Pioreschi, A. Wrottesley, S. V., Slemming, W. Cohen, E., & Norris, S. A. (2020). A qualitative study reporting maternal perceptions of the importance of play for healthy growth and development in the first two years of life. *BMC Pediatrics* 20(1), 428. doi: 10.1186/s12887-020-02321-4.
- Queiroz, N. L. N., Maciel, D. A., & Branco, A. U. (2006). Brincadeira e Desenvolvimento infantil: um olhar Sociocultural Construtivista. *Paideia* 16(34), 169-179. doi: 10.1590/S0103-863X2006000200005
- Radesky, J. S., Silverstein, M., Zuckerman, B., & Christakis, D. A. (2014). Infant self-regulation and early childhood media exposure. *Pediatrics*, 133 (5), 1172-1178 doi: 10.1542/peds.2013-2367
- Radesky, J. S., & Christakis, D. A. (2016). Keeping Children's attention: the problem with bells and whistles. *JAMA Pediatrics*, 170(2), 112-113. doi: doi:10.1001/jamapediatrics.2015.3877.
- Radesky, J. S., Kistin, C., Eisenberg, S., Gross, J., Block, G., Zuckerman, B., & Silverstein, M. D. (2016). Parent perspectives on their mobile technology use: the excitement and exhaustion of parenting while connected. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics*, 37(9), 694-701. doi: 10.1097/DBP.0000000000000357
- Rideout, V. & Robb, M. B. (2020). *The Common Sense Census: Media use by kids age zero to eight*. Retrieved from: https://www.commonsensemedia.org/sites/default/files/research/report/2020_zero_to_eight_census_final_web.pdf
- Romão-Dias, D. & Nicolaci da Costa, A. M. (2012). O Brincar e a Realidade Virtual. *Cadernos de Psicanálise*, 34(26), 85-101.

- Rocha, N. A. C. F., dos Santos Silva, F. P., dos Santos, M. M., & Dusing, S. C. (2019). Impact of mother–infant interaction on development during the first year of life: A systematic review. *Journal of Child Health Care, 24*(3), 365–385.
<https://doi.org/10.1177/1367493519864742>
- Royal College of Paediatrics and Child Health RCPCH (2019). The health impacts of screen time: a guide for clinicians and parents. Retrieved from:
<https://www.rcpch.ac.uk/resources/health-impacts-screen-time-guide-clinicians-parents>
- Saboia, C. (2015). O Brincar Precoce do Bebê como Indicador de Riscos de Sofrimento Psíquico. *Estilos Clínicos, 20*(2), 181-193. doi: 1011606/issn.1981-1624
- Serra, J., Miguel, H., Moura, A. A., Sampaio, A., & Pereira, A. F. (2020). The effect of play task on maternal touch patterns when interacting with their 12 months-old infants: An exploratory study. *Infant Behavior and Development, 59*, 1-11.
<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2020.101438>
- Skaug, S., Englund, K. T., Saksvik-Lehouillier, I., Lydersen, S., & Wichstrom, L. (2018). Parent-child interactions during traditional and interactive media settings: A pilot randomized control study. *Scandinavian Journal of Psychology, 59*, 135-145. doi: 10.1111/sjop.12420
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). Menos telas, mais saúde. *Manual de Orientação, Grupo de Trabalho e Saúde na Era Digital*. Disponível em:
https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/_22246c-ManOrient_-_MenosTelas__MaisSaude.pdf
- Sosa, A. V. (2016). Association of the Type of Toy Used During Play with the Quantity and Quality of Parent-Infant Communication. *JAMA Pediatrics, 170*(2), 132–137.
<https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2015.3753>

- Souza, J. S. & Bonilla, M. H. S. (2020). O Brincar na contemporaneidade: experiências lúdicas na cultura digital. *Revista Pedagógica*, 22, 1-25. doi <https://doi.org/10.22196/rp.v22i0.5686>
- Sousa, E. P., Maia, E. G., Marques, Y. F. L. (2022). Sutilezas do cotidiano em tempos pandêmicos: conexão com a natureza. *Ensino em Perspectivas*, 3,(1), 1-10. Recuperado de <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8952>
- Spitz, R. A. (2000). *O primeiro ano de vida*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Stern, D. N., & Robert-Tissot, C. (1989). *Le Kia-profil: un instrument de recherche clinique pour l'évaluation des états effectifs du jeune enfant*.
- Sung, J. (2018). How Young Children and Their Mothers Experience Two Different Types of Toys: A Traditional Stuffed Toy Versus an Animated Digital Toy. *Child Youth Care Forum*, 47, 233-257. <https://doi.org/10.1007/s10566-017-9428-8>
- Swanson, K., Beckwith, L., & Howard, J. (2000). Intrusive caregiving and quality of attachment in prenatally drug- exposed toddlers and their primary caregivers. *Attachment & Human Development*, 2(2), 130–148. <https://doi.org/10.1080/14616730050085527>
- Tardos, A. & Szanto-Feder, A. (2011). O que é a autonomia na primeira infância? In: J. Falk, *Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy* (2. ed., pp. 39-52). Junqueira & Marin.
- Winnicott, D. W. (1993). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: D.W. Winnicott, *Textos Seleccionados da Pediatria à Psicanálise* (pp. 389-408). Francisco Alves (Original publicado em 1951).
- Winnicott, D. W. (1956/2000). A preocupação materna primária. In: Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (pp. 399-405). Imago

- Winnicott, D. W. (2011). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. In: D. W. Winnicott, *A família e o desenvolvimento individual* (pp. 21-28). Martins Fontes (Original publicado em 1960).
- Winnicott, D. W. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Imago Editora. (Original publicado em 1971).
- Winnicott, D. W. (2006). *Os bebês e suas mães*. Martins Fontes. (Original publicado em 1987).
- Wood, E., Petkovski, M., de Pasquale, D., Gottardo, A., Evanns, M. A., & Savage, R. S. (2016). Parent Scaffolding of Young Children When Engaged with Mobile Technology. *Frontiers in Psychology*, 7, 1-11.
<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00690>
- Wooldridge, M. B., & Shapka, J. (2012). Playing with technology: Mother–toddler interaction scores lower during play with electronic toys. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 33(5), 211–218.
<https://doi.org/10.1016/j.appdev.2012.05.005>
- World Health Organization (2019). Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of age. *World Health Organization*. Retrieved from <http://www.who.int/iris/handle/10665/311664>.

ANEXO A - Protocolo de Avaliação da Interação Diádica

(Piccinini et al., 2007, baseado em Cox, 1998, Ainsworth et al., 1978; Validado por)

N.º caso: _____ Codificador _____ () Mãe-criança
() Pai-criança

O codificador é orientado a se perguntar: “Esta categoria é característica (escores de 4 ou 5) ou não característica (escores de 1 ou 2) da díade ou tríade observada?”

Categorias de Comportamentos <u>Infantis</u>	<i>Escores totais</i>
<i>Envolvimento com o ambiente</i>	
Explora o brinquedo	
Explora o ambiente	
Em caso de bebês bem pequenos, considerar se explora o ambiente com o olhar	
<i>Interação com o cuidador</i>	
Busca de contato e proximidade	
Mantém contato visual com genitor	
Responde à fala do genitor e/ou brincadeiras propostas	
Interação à distância	
Não-resiste	
Não-esquiva	
<i>Afeto positivo</i>	
Apresenta vocalizações positivas	
Sorri e/ou dá gargalhada	
Abraça, beija ou mostra outras expressões físicas de afeto	
Movimenta o corpo para demonstrar entusiasmo	
Mostra-se tranquila e confortável, sem manifestar algum incômodo.	
<i>Afeto negativo</i>	
Apresenta vocalizações negativas	
Chora	

Expressa descontentamento
Fica irrequieta
Demonstra raiva e/ou hostilidade

Categorias de Comportamentos Parentais
Escores totais

<i>Sensibilidade</i>	
Fornecer limites adequados à natureza da atividade e ao nível de entendimento da criança	
Fornecer um nível de estimulação e/ou uma variedade de atividades	
Responde ao conteúdo da fala e/ou atividade da criança	
Aproveita o interesse da criança por um brinquedo e/ou atividade	
Propõe brincadeira/atividade, mas respeita o interesse da criança	
Respeita o interesse da criança por um brinquedo e/ou atividade	
Muda o ritmo quando a criança parece pouco estimulada, superexcitada ou cansada	
<i>Estimulação cognitiva</i>	
Ensina /dá oportunidade de experimentar materiais que ilustram ou ensinam conceitos	
Encoraja as tentativas de domínio da criança ou a desafia para tentar novas atividades	
Apresenta atividades em uma seqüência organizada de passos	
Faz comentários ou pergunta sobre brinquedos/objetos	
Mostra à criança como utilizar um brinquedo	
Estimula a linguagem da criança e suas verbalizações	
Nomeia as experiências da criança	
<i>Afeto positivo</i>	
Mantém contato visual enquanto interage	
Fala em tom de voz afetuoso	
Sorri e/ou dá gargalhadas	
Abraça, beija ou mostra outras expressões físicas de afeto	
Entusiasma-se com o que a criança está fazendo	
Mostra-se confortável e satisfeito em estar com a criança na maior parte do tempo.	

<i>Afeto negativo</i>	
Apresenta expressões faciais negativas	
Fala em tom de voz seco	
Reprime de forma hostil ou exagerada as atitudes da criança	
Ameaça	
Grita	
<i>Desengajamento</i>	
Não acompanha visualmente a atividade da criança	
Não responde às vocalizações, sorrisos ou outros comportamentos da criança	
Ignora coisas interessantes que a criança faz	
Apresenta objetos à criança sem convidá-la à interação	
<i>Intrusividade</i>	
Não permite que a criança faça escolhas ou selecione atividades /brinquedos	
Insiste que a criança faça alguma coisa sem estar interessada	
Modifica a atividade quando a criança aparenta interesse	
Invade o espaço da criança	
Oferece uma barreira à interação	

ANEXO B: Parecer Consubstanciado do CEP do projeto “Bebês e Tecnologias”

UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multi-métodos para o desenvolvimento infantil

Pesquisador: Giana Bilencourt Fritzo

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 69947117.6.0000.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.316.472

Apresentação do Projeto:

Visto que ainda são escassos os estudos desenvolvidos pela Psicologia, que incluam a compreensão desse impacto no desenvolvimento infantil e nas interações pais-bebês, novos estudos são urgentemente necessários para o entendimento desse fenômeno, especialmente no contexto brasileiro. Dessa forma, poder-se-á obter recomendações mais claras para orientar as famílias sobre o uso das tecnologias por bebês até 3 anos de idade. Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês. Será utilizado um delineamento misto, qualitativo e quantitativo para compreender o impacto do uso das tecnologias para o desenvolvimento infantil. Diversos autores, no contexto nacional e internacional (Creswell, 2010; Flick, 2009; Günther, 2006), têm defendido o uso de delineamentos mistos, afirmando que, conforme os objetivos da pesquisa, tais metodologias devem ser integradas, para que se consiga dar conta da complexidade da realidade social e da conduta humana. Assim, o uso de um delineamento misto contribui para reforçar a validade, a confiabilidade, a adequação e a complexidade dos achados do estudo (Flick, 2009). O presente projeto é constituído por três estudos, que serão descritos detalhadamente a seguir. Estudo 1- Grupo focal sobre o uso de

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília **CEP:** 91.035-003
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51) 3338-5658 **Fax:** (51) 3338-5658 **E-mail:** cep-psico@ufrgs.br

Continuação do Formulário 1.216.473

tecnologias nas famílias com bebês; Estudo 2- Estudo on-line quantitativo sobre como famílias fazem uso da tecnologia e telas. Estudo 3- Estudo longitudinal sobre o uso das tecnologias, qualidade da interação mãe-bebê, saúde mental materna e suas repercussões para o desenvolvimento de bebês de até 3 anos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Este projeto objetiva investigar como as tecnologias têm sido utilizadas nas famílias com bebês de até 3 anos e qual a influência do uso dessas tecnologias para o desenvolvimento dos bebês.

Objetivo Secundário:

- Compreender qualitativamente o uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através da metodologia de grupo focal; - Fazer um levantamento quantitativo do uso que as famílias de bebês de até 3 anos fazem das tecnologias, através de um survey on-line; - Compreender o desfecho do uso das tecnologias, a qualidade da interação mãe-bebê, a saúde mental materna para o desenvolvimento infantil de bebês até 3 anos de idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo autoras "os riscos para participação dessa pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pela moderadora. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-los para atendimento psicológico."

Benefícios:

Conforme autoras, "não há benefícios diretos ao participar desta pesquisa, mas através de sua participação, pais e mães e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados, através de mais conhecimento sobre a temática que o estudo irá proporcionar."

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa está bem fundamentada do ponto de vista teórico e metodológico.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os Termos foram reformulados e estão agora adequadamente redigidos.

Recomendações:

Não há mais recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há mais pendências.

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 91.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-5038 Fax: (51)3308-5038 E-mail: oip-peco@ufrgs.br

**UFRGS - INSTITUTO DE
PSICOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO**



Continuação do Parecer 2.216.473

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BASICAS DO PROJETO 942365.pdf	17/09/2017 23:00:37		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEPparacer2.doc	17/09/2017 23:00:06	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEatualizadoparacer2.doc	17/09/2017 22:59:39	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
Declaração do Patrocinador	autorizacaoocomensensamedia.docx	15/08/2017 22:41:39	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoFAPERGSatualizadoparaCEP.doc	15/08/2017 22:38:56	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEatualizado.docx	15/08/2017 22:36:32	ELISA CARDOSO AZEVEDO	Aceito
Outros	compesq.pdf	10/06/2017 14:54:55	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito
Folha de Rosto	rosto.pdf	10/06/2017 14:52:51	Giana Bitencourt Frizzo	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PORTO ALEGRE, 05 de Outubro de 2017.

Assinado por:
Clarissa Marceli Trentini
(Coordenador)

Endereço: Rua Ramiro Barcelos, 2600
Bairro: Santa Cecília CEP: 91.035-003
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51) 3336-5000 Fax: (51) 3336-5656 E-mail: cep-psico@ufrgs.br

ANEXO C – Parecer do CEP sobre o projeto DEPSICO**INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Depressão pós-parto:
Prevalência, antecedentes e intervenção

Pesquisador: Giana Bitencourt Frizzo

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 14094213.5.1001.5334

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UFRGS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 292.683

Data da Relatoria: 03/06/2013

Apresentação do Projeto:

projeto consta de dois Estudos. O Estudo I buscará investigar a prevalência e os antecedentes da depressão pós-parto em mães com bebês até um ano de idade. Quando houver diagnóstico de depressão pós-parto materna, as famílias serão convidadas a participar do Estudo II que consiste em um tratamento psicoterápico pais-bebê em grupo. Será utilizado um delineamento com pré-teste e pós-teste (Robson, 1995) para investigar o impacto da psicoterapia nos fatores de risco interpessoais associados ao desenvolvimento da depressão pós-parto. Participarão do primeiro estudo 100 famílias que tenham o primeiro filho com idade até doze meses e que sejam residentes em Porto Alegre ou região metropolitana, de diferentes níveis socioeconômicos. As mães deverão ser primíparas e o casal deve estar coabitando pelo menos desde a gestação da esposa. Os bebês deverão ser saudáveis, nascidos a termo e com até um ano de idade. As famílias serão recrutadas em hospitais, postos de saúde ou por indicação de outros profissionais da área da saúde. No estudo I serão realizadas entrevistas individuais e a aplicação de diversos instrumentos psicológicos para identificar a depressão e outros aspectos da relação mãe-bebê. No estudo II, serão realizados de 6 a 10 encontros grupais com mães e bebês. As observações, a psicoterapia em grupo e o acompanhamento do desenvolvimento do bebê serão gravados em áudio e vídeo.

Continuação do Parecer: 292.683

Objetivo da Pesquisa:

1. Investigar a prevalência e os antecedentes de depressão pós-parto em famílias que tenham o primeiro filho com até um ano de idade; 2. Investigar o impacto de uma psicoterapia pais-bebê para as famílias em que a mãe apresenta diagnóstico de depressão pós-parto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos da pesquisa, os instrumentos utilizados não possuem potencial ansiogênico significativo para causar algum tipo de prejuízo. Caso seja identificada qualquer situação de sofrimento psíquico intenso ou indícios de psicopatologia grave na mãe, ou a identificação da existência de risco para o bebê, serão feitos os encaminhamentos necessários para a rede de assistência à saúde e assistência social dos municípios de residência dos participantes, ou para os serviços-escola das universidades envolvidas.

Com relação aos benefícios da pesquisa, no Estudo I, consiste em poder conversar com profissionais da Psicologia sobre a experiência da parentalidade. Nas famílias em que a mãe apresentar suspeita de depressão, será oferecida uma intervenção em grupo mãe-bebê que visa ao alívio dos sintomas e uma melhora na relação mãe-bebê (Estudo II).

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de projeto que propõe o diagnóstico e o tratamento da depressão pós-parto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os TCLE dos Estudos I e II estão redigidos de forma clara, com linguagem acessível e apresentando as informações necessárias sobre o desenvolvimento da pesquisa.

Recomendações:

Considera-se o projeto bem qualificado do ponto de vista teórico e metodológico, atendendo aos aspectos éticos em pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de projeto que propõe o diagnóstico e o tratamento da depressão pós-parto. Considera-se o projeto bem qualificado do ponto de vista teórico e metodológico, atendendo aos aspectos da ética em pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

INSTITUTO DE PSICOLOGIA -
UFRGS



Continuação do Parecer: 292.683

Considerações Finais a critério do CEP:

Trata-se de projeto que propõe o diagnóstico e o tratamento da depressão pós-parto. Considera-se o projeto bem qualificado do ponto de vista teórico e metodológico, atendendo aos aspectos da ética em pesquisa.

PORTO ALEGRE, 04 de Junho de 2013

Assinador por:
JUSSARA MARIA ROSA MENDES
(Coordenador)

ANEXO D: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido do projeto “Os bebês, as famílias e o uso das tecnologias: um estudo multimétodos para o desenvolvimento infantil”

Estamos convidando você a participar desse estudo que tem como objetivo conhecer os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil.

Para alcançar os objetivos do estudo, será realizada uma entrevista individual, que será gravada em áudio, com duração aproximada de 40 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito de seus dados de identificação pessoal e demográficos, e informações sobre o uso de tecnologias pela sua família. Também será feita uma filmagem da interação mãe-criança.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos na sala 112 do Instituto de Psicologia da UFRGS e, após este período, serão deletadas. Os riscos para participação desta pesquisa são mínimos, já que poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador. Caso isso aconteça, você terá suporte da nossa equipe de pesquisa que poderá encaminhá-lo para atendimento psicológico.

Os valores gastos em passagens de transportes públicos para deslocamento até o local das entrevistas poderão ser ressarcidos, ou seja, você não terá nenhum custo em participar da pesquisa. Neste momento, você pode não ter benefícios diretos desta pesquisa, mas através de sua participação, será possível compreender melhor os aspectos envolvidos no uso da tecnologia para o desenvolvimento infantil e os profissionais que trabalham com esse público poderão ser beneficiados. Não há remuneração prevista por sua participação.

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para sua vida pessoal. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone (51) 3308-5111.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pode ser contatado pelo fone (51) 3308-5698 ou e-mail cep-psico@ufrgs.br.

Você receberá cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Autorizo o uso de imagem para os fins dessa pesquisa.

Porto Alegre, ___ de _____ de 20__.

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Professora Dra. Giana Bitencourt Frizzo

Pesquisador Responsável

ANEXO E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo I - DEPSICO)

Estamos convidando você a participar do estudo “Depressão pós-parto: Prevalência, antecedentes e intervenção” que tem como finalidade investigar a ocorrência e algumas possíveis causas da depressão pós-parto em famílias que tenham o primeiro filho com até um ano de idade. Através deste trabalho, esperamos contribuir para o esclarecimento de algumas questões sobre a ocorrência ou não de depressão pós-parto nas famílias e formas de como evitá-la.

Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista individual, gravada em áudio, com duração aproximada de 60 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito de seus dados de identificação pessoal, demográficos, da maternidade e do desenvolvimento do seu bebê. Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, não sendo divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos e, após este período, serão deletadas.

Não são conhecidos riscos aos participantes desta pesquisa, mas poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador. Os valores gastos em passagens de transportes públicos para deslocamento até o local das entrevistas serão ressarcidos, ou seja, você não terá nenhum custo em participar da pesquisa. Neste momento, você pode não ter benefícios diretos desta pesquisa, mas através de sua participação, futuras mães, seus bebês e suas famílias poderão ser beneficiados. Não há remuneração prevista por sua participação.

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para sua vida pessoal e para o atendimento prestado a você e ao seu filho. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone 3308-5338 ou 9712-9343.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pode ser contactado pelo fone 3308-5698 ou e-mail cep-psico@ufrgs.br. Também foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), que pode ser contactado pelo fone 3359-7640 ou e-mail cep@hcpa.ufrgs.br ou na sala 2227, 2º andar do HCPA, das 8 às 17 horas. O Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre também revisou e aprovou esse documento e pode ser contactada pelo fone 3289-5517 ou e-mail cep-sms@sms.prefpoa.com.br das 9-12 e das 14-16h.

Você receberá cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Nome do Pesquisador: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

ANEXO F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Estudo II - DEPSICO)

Estamos realizando um estudo denominado “Depressão pós-parto: Prevalência, antecedentes e intervenção”. O estudo tem por finalidade investigar os efeitos de uma psicoterapia pais-bebê em grupo. Você está sendo convidada a participar deste Estudo II por haver participado do Estudo I e ter apresentado algumas características que serão estudadas no Estudo II. No Estudo II será oferecida a possibilidade de participar de uma psicoterapia em grupo mãe-bebê. Para alcançar os objetivos do estudo será realizada uma entrevista individual, gravada em áudio, com duração aproximada de 60 minutos, na qual você irá responder algumas perguntas a respeito da maternidade, do relacionamento do casal, de sua gestação e do desenvolvimento do seu bebê. Também será feita uma filmagem da interação mãe-bebê e uma avaliação do desenvolvimento de seu filho(a). Após, será iniciada a psicoterapia, que terá duração de 12 encontros de 90 minutos cada e ocorrerá nas dependências do Instituto de Psicologia da UFRGS. As observações, o próprio tratamento (psicoterapia) e o acompanhamento do desenvolvimento do bebê serão gravados em áudio e vídeo.

Através deste trabalho, esperamos contribuir para o esclarecimento de algumas questões sobre a depressão pós-parto e a melhor forma de auxiliar as mães e facilitar o desenvolvimento da criança e do vínculo mãe-bebê. Não são conhecidos riscos aos participantes da pesquisa, mas poderá haver desconforto ao responder algumas perguntas feitas pelo entrevistador, mas esperamos beneficiar você e sua família com a psicoterapia. Os valores gastos em passagens de transportes públicos para deslocamento até o local das entrevistas serão ressarcidos, ou seja, você não terá nenhum custo em participar da pesquisa. Não há remuneração prevista por sua participação.

Seus dados de identificação serão confidenciais e reservados, e não serão divulgados na publicação dos resultados, já que servirão apenas para caracterizar o público que está colaborando com a pesquisa. As gravações obtidas serão utilizadas somente para este estudo, sendo armazenadas pela coordenadora da pesquisa durante 5 (cinco) anos e, após este período, serão deletadas.

Você terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento, sem que isto traga prejuízo para sua vida pessoal e para o atendimento prestado a você e ao seu filho. Você receberá informações sobre este projeto de pesquisa e a forma como será conduzido e, em caso de dúvida ou novas perguntas, poderá entrar em contato com a pesquisadora Profa. Dra. Giana Bitencourt Frizzo, no Instituto de Psicologia da UFRGS. Caso queira contatar com a equipe, isto poderá ser feito pelo telefone 3308-5338 ou 9712-9343.

Este documento foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que pode ser contactado pelo fone 3308-5698 ou e-mail cep-psico@ufrgs.br. Também foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA), que pode ser contactado pelo fone 3359-7640 ou e-mail cep@hcpa.ufrgs.br ou na sala 2227, 2º andar do HCPA, das 8 às 17 horas. O Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre também revisou e aprovou esse documento e pode ser contactada pelo fone 3289-5517 ou e-mail cep-sms@sms.prefpoa.com.br das 9-12 e das 14-16h.

Você receberá cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ficando outra via com a equipe de pesquisa.

Porto Alegre, ____, de _____ de 20__.

Nome do Participante: _____

Assinatura do Participante: _____

Nome do Pesquisador: _____

Assinatura do Pesquisador: _____

ANEXO G - Definição operacional detalhada das categorias do PAID

Análise dos comportamentos infantis e parentais:

A avaliação da interação diádica, proposta neste capítulo, é baseada em Cox (1998) e em Ainsworth et al. (1978). Os autores sugerem que a análise seja realizada durante uma sessão de brincadeira livre, podendo ocorrer tanto no ambiente de laboratório quanto domiciliar. Os cuidadores são orientados a brincar com a criança como costumam fazer em casa, durante cerca de 7 minutos. Porém, cabe ressaltar que os autores consideram o instrumento flexível e passível de adaptações. Ademais, a interação pode ser realizada em um momento de interação livre ou estruturada. A sessão deve ser filmada em áudio e vídeo para posterior análise.

Ressalta-se que o(s) episódio(s) de avaliação da interação podem ser analisados tanto de forma microanalítica quanto macroanalítica. Na primeira, a orientação é de que se avalie a interação a cada minuto, buscando captar mudanças de comportamento ao longo da observação. Já na segunda é possível uma análise do sentido e intensidade geral da interação.

Cada categoria de comportamento é avaliada de acordo com os passos sugeridos por Cox (1998). Inicialmente, o codificador é orientado a se perguntar: *“Esta categoria é característica (escores de 4 ou 5) ou não característica (escores de 1 ou 2) da díade ou tríade observada?”* Caso não atenda a nenhum dos dois critérios recebe um escore “3”. Depois de respondida esta primeira questão, o codificador deve fazer uma discriminação entre os escores 1 e 2 ou 4 e 5, considerando a maior ou menor incidência das subcategorias. A seguir serão descritas, separadamente, as categorias e subcategorias analisadas nas interações diádicas. Com exceção da categoria interação, baseada em Ainsworth et al. (1978) todas as demais são derivadas de Cox (1998).

Categorias de comportamentos infantis

As categorias de comportamentos infantis analisadas na interação diádica são: envolvimento com o ambiente, interação com o cuidador, afeto positivo e afeto negativo.

ENVOLVIMENTO COM O AMBIENTE- Esta categoria refere-se ao grau de engajamento da criança com brinquedo ou atividade, mostrando-se bem integrada ou não com os mesmos. Os escores mais baixos representam a criança que não mostra envolvimento, que parece evitar se envolver com o brinquedo ou atividade ou que o faz mecanicamente sem evidências de estar interessada. Ela também pode demonstrar não estar envolvida, mesmo engajando-se por curtos períodos de tempo com o brinquedo e/ou ambiente. Os escores mais altos representam a criança

que se mostra interessada e envolvida com brinquedo ou atividade durante grande parte da observação ou que apresenta intenso envolvimento. Como parte da avaliação da categoria deve ser examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Explora o brinquedo*: criança segura um ou mais brinquedos em suas mãos, mesmo que não os esteja necessariamente manipulando.
- 2) *Explora o ambiente*: criança olha e/ou se locomove pelo ambiente para conhecê-lo, demonstrando interesse e/ou curiosidade. Não é registrado quando a criança se locomove para buscar algo que esteja procurando.
- 3) Em caso de bebês pequenos, considerar se explora o ambiente com o olhar.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio, quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: deve-se focar no interesse da criança pelo ambiente. Como nesse episódio não existem brinquedos disponíveis, atentar para a exploração da criança na sala (fica atenta e tenta mexer no armário, no tapete, olha pro espelho, etc). A criança que ainda não caminha pode fazer isso com o olhar. Especificamente neste episódio, considerar a exploração do ambiente em duas subcategorias: (1) criança explora o ambiente no sentido de conhecê-lo; (2) criança explora o ambiente de forma lúdica e criativa (se olhar no espelho), levando em consideração a idade da criança, sendo que as menores podem explorar mais de forma criativa e não tão lúdica, por ainda não brincarem tanto simbolicamente (ex. caso de uma bebê de 1 ano que explorou de forma rica o ambiente, mesmo sendo pequena. Ela explorou todo o tempo a sala com o próprio olhar, além de apontar para a janela, ar-condicionado, espelho, mexer no tapete e engatinhar até a porta) sendo importante ver se ela engaja e não quem começou a atividade. Se apenas uma dessas subcategorias estiverem presentes, pontuar 4, se estiverem os dois, 5. Pontua-se 2 se na maior parte do tempo a criança não explorar nem mesmo o ambiente (físico) e pontua-se 1 em casos extremos nos quais em nenhum momento a criança tem algum tipo de exploração, nem do ambiente físico e nem uma atividade criativa.

Brincar com brinquedos: brinquedo e ambiente se interligam. Quando existem brinquedos e a criança engaja bem com eles, pontua-se como característico, mesmo se ela não “explora” o ambiente físico ao redor. Quando existe o brinquedo disponível, considerar que o ambiente é o brinquedo, já que é esperado que quando a criança esteja envolvida de forma criativa e lúdica com o brinquedo, ela atente menos ao ambiente físico. Pontua-se não característico se a criança sequer pega ou olha para os brinquedos ou objetos.

Ensinar: Idem ao episódio brincar com brinquedos considerando o brinquedo disponibilizado à mãe para que ensine como usar e brinque com a criança.

INTERAÇÃO COM O CUIDADOR - Esta categoria está baseada nos comportamentos interativos sugeridos por Ainsworth et al. (1978), amplamente utilizados como um dos principais indicadores do padrão de apego mãe criança. Os escores mais altos representam comportamentos facilitadores da interação e são característicos da criança que busca e mantém contato com o genitor durante grande parte da observação, mesmo que, por vezes, interaja à distância. Já os comportamentos não facilitadores da interação são característicos da criança que não busca interagir com o genitor, que parece esquivar-se de qualquer contato com ele(a) ou que apresenta resistência à interação na maior parte da observação. Esses comportamentos, por sua vez, devem ser pontuados como escores mais baixos. Cabe ressaltar que quando a criança não está ativamente se esquivando/resistindo da interação com o cuidador durante o episódio, mas mesmo assim não parece buscar contato (físico ou pelo olhar), além de não responder à fala e brincadeira propostas, seria mais adequado colocar não característico. (Pontua-se 2 quando a criança não interage com a mãe mas não se esquiva/resiste, e pontua-se 1 a criança que não interage e se esquiva/resiste da mãe). Deve-se cuidar com a idade da criança, se ela for pequena, não necessariamente ela vai conseguir se movimentar/caminhar, então a posição que a criança foi colocada não indica necessariamente esquiva/resistência à interação.

Outro ponto importante é atentar para não confundir interação com cuidador e afeto positivo. A criança pode estar interagindo com a mãe mas não estar muito contente ou apresentar visivelmente afeto positivo ou negativo. Um exemplo foi o de uma bebê que demonstrava estar contente explorando a sala, mas, apesar de manter contato visual com o genitor, não buscou proximidade com a mãe, não interagiu à distância na maior parte do episódio e resistiu e se esquivou a algumas tentativas da mãe de proximidade.

Como parte da avaliação da categoria é examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Busca de contato e proximidade: a criança busca contato físico com o genitor.*
- 2) *Mantém contato visual com o genitor.*
- 3) *Responde à fala do genitor e/ou brincadeiras propostas.*
- 4) *Interação à distância: criança vocaliza ou sorri, ao mesmo tempo em que olha para o genitor, buscando mostrar o que está fazendo ou incluir o genitor na sua atividade ou foco de interesse e/ou quando a criança oferece algum objeto para o genitor ou quando aponta para algo, mesmo que não esteja olhando para o genitor.*
- 5) *Não-Resiste: a criança não resiste à tentativa do genitor de iniciar contato com ela.*

6) *Não-esquiva*: a criança não se esquiva à proximidade e à interação, mesmo à distância, do genitor. Distingue-se da subcategoria *resistência* por apresentar uma reação mais intensa por parte da criança ou maior aflição.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio, quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: atentar à resposta da criança ao que a mãe está propondo. Nesse episódio, espera-se que a criança ande mais pela sala ou olhe mais ao redor (caso ainda não caminhe), mas deve-se cuidar para diferenciar da categoria envolvimento com o ambiente. Observar o quanto ela olha para a mãe/cuidador ou tenta mostrar a ela o que está “descobrendo” na sala. Quando a mãe propõe alguma brincadeira que envolva contato físico, observar se a criança se esquiva ou não dessa proximidade. Pontuar característico quando estão presentes a maioria das subcategorias descritas acima, de forma predominante no episódio. Para diferenciar 4 e 5 atentar principalmente à categoria 3 (se responde à fala do genitor), como um “desempate” entre 4 e 5. Pontuar não característico quando os momentos de interação acontecem, mas não predominam no episódio. Pontuar 2 para a criança que não interage com a mãe de nenhuma forma (físico, olhar, à distância e respondendo a ela), mas não se esquiva/resiste, e pontua-se 1 para a criança que não interage e se esquiva/resiste da mãe.

Brincar com brinquedos: deve-se observar como a criança se posiciona ao brincar com os brinquedos, se voltada de frente ou não para mãe, longe ou próxima dela. Também atentar se a criança olha para a mãe em alguns momentos enquanto está brincando, mesmo que não fale nada, considera-se que está mantendo contato visual. Atentar o quanto a criança brinca sozinha ou se inclui ou não a mãe na brincadeira, olhando, mostrando ou entregando algum brinquedo a ela, convidando-a ou não à brincadeira. Observar como ela responde às vocalizações e propostas de brinquedo da mãe. Caso a criança não aceite brincar ou apenas não manifeste interesse em um brinquedo que a mãe oferece a ela, mas olha para o que a mãe está propondo, não esquiva ou resiste do contato em si, considerar característico, pois ela está interagindo, mesmo que não tenha interesse naquele brinquedo específico (a não ser que esse comportamento persista por todo o episódio, pois aí já caracterizaria uma resistência). É importante ressaltar que, diferente do episódio livre, espera-se que ao oferecer a caixa de brinquedos a criança fique mais voltada para os brinquedos, se movimentando menos e solicitando menos a atenção da mãe, mas isso não significa deixar de interagir com o cuidador. Usar os mesmos critérios do episódio anterior para pontuação.

Ensinar: nesse episódio deve-se observar se a criança responde ao estímulo da mãe de ensinar como utilizar o brinquedo. Mesmo que não tente fazer igual, pontuar característico se ela mantém contato visual e proximidade com a mãe. Caso a criança não aceite brincar ou apenas não manifeste

interesse na atividade que a mãe oferece a ela, mas não esquiva ou resiste do contato em si, considerar característico, pois ela está interagindo, mesmo que não tenha interesse em aprender a montar aquele brinquedo específico (a não ser que esse comportamento persista por todo o episódio, pois aí já caracterizaria uma resistência). Também usar os critérios de pontuação dos episódios acima.

AFETO POSITIVO - Esta categoria se refere ao quanto a criança está satisfeita, contente e confortável com a interação. Os escores mais baixos representam a criança que não apresenta sinais de afeto positivo, que tem humor negativo ou *que não apresenta nenhum afeto (criança apática, embotada)*. A criança também pode apresentar afeto positivo infrequente ou fraco, ou pode alternar momentos de intenso afeto positivo com momentos de intenso afeto negativo. Os escores mais altos representam a criança que, *predominantemente*, apresenta afeto positivo e que é agradável na maior parte da observação, não apresentando *nenhum* episódio de aflição (choro, gritos, agressão, feições negativas), mesmo que não esteja sorrindo o tempo todo. Atentar especialmente se a criança está confortável, se parece tranquila na maior parte do tempo. Pontua-se 4 quando a criança se apresenta tranquila e confortável, sem apresentar aflição ou esquiva, mesmo que não sorria, apresente vocalizações positivas, beije/abraçe ou fique no colo da mãe, o que é diferente de não apresentar nenhum afeto.

Como parte da avaliação da categoria é examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Apresenta vocalizações positivas*: criança vocaliza, balbucia e/ou gesticula com a boca demonstrando contentamento e/ou satisfação.
- 2) *Sorri e/ou dá gargalhadas*: criança visivelmente sorri, mesmo que este não seja dirigido ao genitor.
- 3) *Abraça, beija ou mostra outras expressões físicas de afeto*: criança beija, abraça ou demonstra outras manifestações de carinho ao genitor.
- 4) *Movimenta o corpo para demonstrar entusiasmo*: criança movimenta o corpo, Também é registrado quando a criança bate palmas. Não é computado quando a criança segura um brinquedo (ex., um chocalho) e movimenta o corpo, pois se entende que esse comportamento diz respeito à tentativa da criança de movimentar o brinquedo.
- 5) Mesmo sem estar a maior parte do tempo sorrindo, a criança mostra-se tranquila e confortável, sem manifestar algum incômodo.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio, quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: Por ser o primeiro episódio, espera-se que a criança possa estar ainda se adaptando ao ambiente. Pontua-se 5 quando a criança apresenta as subcategorias de forma predominante no episódio, não oscilando com afetos negativos. Pontuar 4 se a criança: ou estiver predominando estar “tranquila” e confortável mesmo que não apresente outras manifestações de afeto positivo; ou apresentar as subcategorias na maior parte do episódio, mas oscile também entre afetos negativos. Para diferenciar do não característico, é importante atentar que a criança deve ao menos se mostrar tranquila e confortável para se pontuar 4 ou 5 (subcategoria 5). Pontuar não característico quando a criança não se mostra tranquila e confortável, na maior parte do episódio, predominando o afeto negativo. Pontuar 1 em situações extremas, de intenso afeto negativo da criança ou nenhuma manifestação de afeto positivo durante grande parte do episódio.

Brincar com brinquedos: Idem ao brincar livre.

Ensinar: Idem ao brincar livre.

AFETO NEGATIVO - Esta categoria se refere às expressões de descontentamento da criança em relação à interação. Os escores mais baixos representam afeto negativo pouco frequente, nos quais a criança manifesta apenas comportamentos sutis de raiva ou resistência ao genitor, mas que não sejam predominantes naquele episódio. Os escores mais altos representam intenso afeto negativo, presente em alguns momentos da interação ou moderado descontentamento durante a maior parte da observação. A raiva e resistência da criança aparecem repetidamente nas interações com o genitor. Considerar que uma criança apática ou com afeto embotado terá baixo afeto negativo, pois é diferente de apresentar raiva ou hostilidade. Como parte da avaliação da categoria será examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Apresenta vocalizações negativas:* criança resmungando ou choramingando (choro de fraca intensidade e descontínuo).
- 2) *Chora:* criança chora com forte intensidade e/ou de forma contínua.
- 3) *Expressa descontentamento:* criança franze a testa, faz careta, demonstrando que não está contente.
- 4) *Fica irrequieta:* criança encontra-se visivelmente desconfortável, inquieta, agitada. Pode vir acompanhado de vocalizações negativas ou choro.
- 5) *Demonstra raiva e/ou hostilidade:* criança grita, esperneia, agride o genitor e/ou bate em um brinquedo ou no próprio genitor.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: Pontua-se 5 quando a criança apresenta as subcategorias de forma predominante no episódio, não oscilando com afetos positivos. Pontuar 4 se a criança apresentar as subcategorias na maior parte do episódio, mas oscile também entre afetos positivos. Para diferenciar do não característico, é importante atentar que quando predomina o afeto negativo, a criança não mostra-se tranquila e confortável na maior parte do episódio, pontuando-se então, 4 ou 5. Pontuar não característico quando a criança se mostra tranquila e confortável, na maior parte do episódio, predominando o afeto positivo. Pontuar 1 em situações extremas, de intenso afeto positivo da criança ou nenhuma manifestação de afeto negativo durante grande parte do episódio.

Brincar com brinquedos: idem brincar livre

Ensinar: idem brincar livre

Categorias de comportamentos parentais

SENSIBILIDADE - Esta categoria refere-se à sensibilidade dos pais às necessidades e comunicações/expressões da criança. Os pais indicam estarem cientes das necessidades, humor, interesses e capacidades da criança, oferecendo uma mistura adequada de apoio e independência, além de permitir/contribuir para a autonomia da criança, quando ela busca isso. Eles também respondem apropriadamente à criança. Os escores mais baixos representam pouca evidência de sensibilidade parental. Nesses casos, os pais raramente respondem apropriadamente às demandas infantis ou manifestam desatenção às necessidades da criança e as interações são assíncronas ou inadequadas. Se o adulto está preocupado ou desligado, então ele não é sensível mesmo que a criança esteja engajada. Os escores mais altos representam os pais que são predominantemente sensíveis. Eles demonstram sensibilidade na maior parte das interações, mas não em todas, ou podem até mesmo demonstrar um pouco de insensibilidade em alguns momentos. Lembrar da idade da criança, considerar sua etapa desenvolvimental e se a mãe leva isso em consideração, respeitando a faixa etária e capacidade da criança. Por exemplo, considera-se baixa sensibilidade parental se o genitor estimula a criança a brincar com algo que ela ainda não possui habilidade para fazê-lo. Como parte da avaliação da categoria será examinada a incidência das seguintes subcategorias:

1) *Fornece disciplina e limites adequados à natureza da atividade e ao nível de entendimento da criança:* genitor orienta a criança quanto a uma situação de perigo iminente (ex., “Cuidado, olha a cabeça”, “Isso faz dodói”, “Calma, mais devagar”), quando aplicável.

2) *Fornece um nível de estimulação e/ou uma variedade de atividades adequadas à idade e nível de entendimento da criança:* genitor oferece um brinquedo à criança e/ou incentiva que ela continue brincando com algo (Essa subcategoria difere-se da estimulação cognitiva, pois o foco do genitor deve ser no interesse da criança).

- 3) *Responde ao conteúdo da fala e/ou atividade da criança*: genitor vocaliza colocando-se empaticamente no lugar da criança, interpretando o estado e/ou os sinais e interesses desta, ou quando o genitor fala como se fosse a própria criança, nomeando para ela o que está identificando.
- 4) *Aproveita o interesse da criança por um brinquedo e/ou atividade*: genitor passa a brincar com a criança a partir do que ela escolheu, permitindo que ela manifeste seu interesse pelo que quer brincar, mas também introduzindo novos elementos na brincadeira, a partir do interesse e desejo da criança.
- 5) *Propõe brincadeira/atividade, mas respeita o interesse da criança*: genitor propõe uma brincadeira à criança (ex.: “Vamos jogar bola”), mas esta não aceita e ele não insiste que ela a realize.
- 6) *Respeita o interesse da criança por um brinquedo e/ou atividade*: genitor não impede, seja verbalmente ou através de ações, que a criança siga fazendo o que é de seu interesse, mesmo que seja diferente do que ele (genitor) propõe.
- 7) *Muda o ritmo quando a criança parece pouco estimulada, super excitada ou cansada*: o genitor propõe uma outra atividade, visto que a criança encontra-se pouco estimulada, superexcitada ou cansada.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: atentar ao fato de que nesse episódio a brincadeira ocorre de forma menos estruturada, pois não são disponibilizados brinquedos para a dupla. Por ser o primeiro episódio, no qual ainda não têm brinquedos, que geralmente despertam o interesse da criança, é importante observar como a mãe percebe a reação da criança na sala (além de ser importante atentar à reação da própria criança), se ela se mostra motivada ou não para brincar. Nesse sentido, como a mãe propõe o início do brincar livre já fala sobre um comportamento sensível ou não. Se ela vê que a criança precisa de um estímulo para brincar e encoraja a criança a iniciar uma brincadeira, ou se ela vê que a própria criança quer fazer isso e permite que ela faça, são pontos iniciais importantes. Atentar ao longo do episódio a como iniciam e terminam novos “ciclos” de brincadeira, buscando observar se a mãe responde adequadamente ou não às demandas da criança e, ainda, se quando ocorrem comportamentos não sensíveis, se ela consegue perceber e mudar o ritmo. Pontua-se característico quando os comportamentos sensíveis predominam no episódio, mesmo que apareçam outros não sensíveis. Pontuar 5 apenas se a mãe for sensível durante todo o episódio. Caso apresente sensibilidade na maior parte do tempo, mas oscile entre comportamentos não sensíveis, pontuar 4. Pontuar 2 caso predominem respostas não sensíveis e 1 caso a mãe seja não

sensível ao longo de todo o episódio.

Brincar com brinquedos: o primeiro ponto a se observar nesse episódio é como o genitor reage à chegada da caixa de brinquedos na sala. De acordo com as subcategorias descritas acima, um comportamento sensível pressupõe que o genitor inicie a brincadeira a partir do desejo e interesse da criança. Dessa forma, espera-se que o genitor permita que a criança inicie a explorar a caixa sozinha (a não ser que a criança explicitamente peça que ele/ela abra a caixa, quando tem dificuldade para fazer isso, por exemplo). De forma geral, espera-se que o genitor apresente, como mencionado acima, uma “mistura adequada” de apoio e independência. Quando forem observados comportamentos não sensíveis, atentar a como o genitor percebe isso (por ex., caso a mãe ofereça um brinquedo à criança e essa negue, ver como a mãe reage. Caso ela perceba que esse não é o desejo da criança e respeite isso, verbalizando isso ou deixando de insistir, esse comportamento é considerado sensível). Por existirem muitos brinquedos na caixa, podem ocorrer muitas sequências diferentes de brincadeiras. É importante atentar às reações da criança e da mãe a cada mudança de brinquedo ou brincadeira, pois nesses momentos ficam bem visíveis o quanto o genitor age ou não de acordo com as subcategorias. Um critério importante para definir se é ou não característica a sensibilidade é atentar a como a mãe reage quando não é sensível. Caso ela perceba que foi não sensível e mude o comportamento, considerar característica a sensibilidade. Pontuar 5 apenas se a mãe for sensível durante todo o episódio. Caso apresente sensibilidade na maior parte do tempo, mas oscile entre comportamentos não sensíveis, pontuar 4. Pontuar 2 caso predominem respostas não sensíveis e 1 caso a mãe seja não sensível ao longo de todo o episódio.

Ensinar: idem ao brincar com brinquedo. Nesse episódio atentar para o fato de que espera-se que a mãe incentive mais a criança, visto que foi pedido a ela que ensine a criança a utilizar aquele brinquedo. Mesmo assim, espera-se que ela possa mudar o ritmo caso a resposta da criança seja de desinteresse por aquele objeto. Pontuar 5 apenas se a mãe for sensível durante todo o episódio. Caso apresente sensibilidade na maior parte do tempo, mas oscile entre comportamentos não sensíveis, pontuar 4. Pontuar 2 caso predominem respostas não sensíveis e 1 caso a mãe seja não sensível ao longo de todo o episódio.

ESTIMULAÇÃO COGNITIVA - Esta categoria refere-se às tentativas de estimular o desenvolvimento cognitivo da criança. Os pais podem tirar vantagem de qualquer atividade de rotina para estimular o desenvolvimento, e constantemente se engajam em atividades com a intenção de facilitar a aprendizagem de seus filhos. Os pais devem estar engajados ativamente em esforços para estimular o desenvolvimento cognitivo da criança. Os escores mais baixos representam os pais que não fazem tentativas de estimular cognitivamente a criança ou não a estimulam. Os escores mais altos representam os pais que estimulam de forma adequada ou consistentemente estimulam e aproveitam as oportunidades para estimulação. Eles provêm

frequentemente estimulação com qualidade através de lições, explicações e atividades. Como parte da avaliação da categoria é examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Ensina/dá oportunidade de experimentar materiais que ilustram ou ensinam conceitos*: genitor menciona à criança algo em relação a cores, números, partes do corpo, elementos que fazem parte de um conjunto, etc. (ex.: “Um, dois, três...”).
- 2) *Encoraja as tentativas de domínio da criança ou a desafia para tentar novas atividades*: genitor encoraja as tentativas de domínio da criança (ex.: “Isso!”) ou a desafia para tentar novas atividades (ex.: “E agora?”, “Onde é que está?”), desde que tenha o objetivo de estimular cognitivamente.
- 3) *Apresenta atividades em uma sequência organizada de passos*: o genitor apresenta à criança uma ordem de passos em relação a um brinquedo (ex.: “Primeiro coloca essa peça, depois a outra”).
- 4) *Descreve, faz perguntas sobre brinquedos/objetos*: genitor descreve um brinquedo/objeto não no sentido de nomeá-lo, mas em relação ao que faz parte dele. Incluem-se também as perguntas que o genitor faz sobre brinquedos/objetos, por exemplo: “como faz o bichinho?”, “esse aqui é o quadrado, aquele é o círculo”.
- 5) *Mostra à criança como utilizar um brinquedo*: genitor mostra à criança como utilizar um brinquedo (ex.: “É assim, oh.”). A criança deve estar olhando para o que o genitor está fazendo.
- 6) *Estimula a linguagem da criança e suas verbalizações*: genitor estimula que a criança fale algo lhe dizendo “diz”, “fala”; ou soletra uma palavra para que a criança repita, de forma adequada a cada faixa etária.
- 7) *Nomeia as experiências da criança*: genitor nomeia algo à criança, no sentido de dizer o que é, (ex.: “É um patinho”) e/ou algo da experiência dela (ex.: “Tu estás mordendo o cachorrinho”, “o cachorrinho é igual ao fulano, cachorrinho da vovó”).

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: como nesse episódio não é fornecido nenhum brinquedo ou objeto para a dupla, deve-se atentar à estimulação cognitiva a partir das brincadeiras criadas pela dupla e do uso de objetos pertencentes à sala (como tapete, cadeira, espelho). Deve-se observar se o genitor aproveita as brincadeiras criadas pelos dois para estimular cognitivamente a criança, que podem envolver brincadeiras de esconder, de se olhar no espelho, algo que envolva o próprio corpo da criança. Para pontuar 5, no caso desse episódio não será possível verificar a incidência de todas as subcategorias, pois a 3 e a 5 envolvem algum brinquedo. Dessa forma, a não incidência dessas subcategorias não pressupõe que a estimulação seja não característica. Pontua-se 5, nesse episódio,

se todas as categorias estão presentes (exceto 3 e 5) ao longo de todo o episódio. Pontua-se 4 se existe estimulação frequente e predominante no episódio, mas quando também se visualizam oportunidades nas quais poderiam ter ocorrido tentativas de estimulação e o genitor não o fez. Pontua-se 2 caso exista a estimulação, mas não seja predominante no episódio, sendo mais visíveis oportunidades possíveis de estimular nas quais o genitor não o faz, por estar desatento ou desengajado. Pontua-se 1 em casos extremos nos quais o genitor não faz nenhuma tentativa de estímulo à criança.

Brincar com brinquedos: nesse episódio espera-se que todas as subcategorias estejam presentes. Pontua-se 5, nesse episódio, se todas as categorias estão presentes ao longo de todo o episódio. Pontua-se 4 se existe estimulação frequente e predominante no episódio, mas quando também se visualizam oportunidades nas quais poderiam ter ocorrido tentativas de estimulação e o genitor não o fez. Pontua-se 2 caso exista a estimulação, mas não seja predominante no episódio, sendo mais visíveis oportunidades possíveis de estimular nas quais o genitor não o faz, por estar desatento ou desengajado. Pontua-se 1 em casos extremos nos quais o genitor não faz nenhuma tentativa de estímulo à criança.

Ensinar: espera-se que nesse episódio a incidência da estimulação cognitiva seja maior que nos outros episódios, uma vez que é diretamente solicitado à mãe que realize a subcategoria 5, de mostrar a criança como utilizar um brinquedo específico. Utilizar o mesmo critério de pontuação do episódio brincar com brinquedos.

AFETO POSITIVO - Esta categoria refere-se à extensão na qual o genitor parece apreciar estar com a criança. Os escores mais baixos representam os pais que demonstram pouco contentamento em estar junto com a criança e pouco afeto. Este escore pode também envolver expressões positivas inapropriadas para a situação ou expressões faciais apáticas. Tanto a intensidade quanto a frequência dos indicadores comportamentais de afeto positivo são baixas. Os escores mais altos representam os pais que mostram predominantemente afeto positivo, em termos de expressão facial, vocal e comportamental. A díade claramente parece aproveitar estar junta. Como parte da avaliação da categoria é examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Mantém contato visual enquanto interage:* genitor dirige o olhar para o rosto ou corpo da criança.
- 2) *Fala em tom de voz afetuoso:* genitor fala de uma maneira carinhosa com a criança (ex.: “Ai, que lindo!”, “Meu amor”, “Querido”).
- 3) *Sorri e/ou dá gargalhadas:* genitor sorri visivelmente para a criança ou sua risada é audível.

4) *Abraça, beija ou mostra outras expressões físicas de afeto*: genitor passa os dedos, a mão ou seu rosto no corpo ou rosto da criança, afagando-a; quando o genitor abraça e/ou beija a criança, ou quando a pega no colo.

5) *Entusiasma-se com o que a criança está fazendo*: genitor aplaude ou vibra com o que a criança está fazendo (ex.: “Eh!”).

6) Mesmo sem estar o tempo todo sorrindo ou alegre, o genitor mostra-se confortável e satisfeito em estar com a criança na maior parte do tempo.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: Pontua-se 5 quando o adulto apresenta as subcategorias de forma predominante no episódio, não oscilando com afetos negativos. Pontuar 4 se o genitor apresentar as subcategorias na maior parte do episódio, mas oscile também entre afetos negativos. Para diferenciar do não característico, é importante atentar que quando predomina o afeto positivo, o genitor mostra-se tranquilo e confortável na maior parte do episódio, pontuando-se então, 4 ou 5. Se predominar o comportamento do genitor estar tranquilo e confortável, mesmo que apresente outros comportamentos sutis de afeto positivo, pontuar 4. Pontuar não característico quando ele não se mostra tranquilo e confortável, na maior parte do episódio, predominando o afeto negativo. Pontuar 1 em situações extremas, de intenso afeto negativo do adulto ou nenhuma manifestação de afeto positivo durante grande parte do episódio, no qual ele mostra-se hostil, irritado ou apático.

Brincar com brinquedos: idem ao brincar livre

Ensinar: idem ao brincar livre

AFETO NEGATIVO - Esta categoria refere-se às expressões de afeto negativo, conflitos, discordâncias ou críticas dos pais em relação à criança. As interações podem ser hostis, punitivas, de forma encoberta ou explícita. Os escores mais baixos representam a ausência de expressão de afeto negativo ou um clima emocional negativo mínimo. As díades podem estar desengajadas e não envolvidas, podendo haver expressão de irritação ou hostilidade. Os escores mais altos representam o genitor que demonstra altos níveis de afeto negativo, mas que pode ser permeada por um pouco de afeto e engajamento positivo. O afeto negativo, a irritação ou o conflito são o modo predominante de comunicação da díade (clima tenso, de hostilidade e raiva). Atentar para o fato de que um genitor com afeto negativo, como raiva e hostilidade difere de um genitor com afeto embotado ou apático. Nesse sentido, um genitor que manifesta ausência de afeto hostil ou agressivo deve ser pontuado como não característico, mesmo que isso não signifique um afeto positivo (já que provavelmente esse seja um caso que ele pontue não

característico tanto no afeto negativo quanto no positivo). Como parte da avaliação da categoria é examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Apresenta expressões faciais negativas*: genitor franze a testa, faz careta, expressando descontentamento ou impaciência em relação à criança, mostrando-se insatisfeito e pouco confortável.
- 2) *Fala em tom de voz seco*: genitor fala de uma maneira rude e pouco afetiva com a criança.
- 3) *Reprime atitudes da criança*: genitor diz à criança que ela não pode ter determinada atitude (ex.: “Não é pra pôr na boca”). Considerar a forma como o genitor fala com a criança, se é de forma hostil ou não, uma vez que em alguns casos é esperado que o genitor diga que ela não pode fazer algo, caso a criança esteja se colocando em risco. A questão é a forma como isso é colocado a ela.
- 4) *Ameaça*: genitor impõe uma condição à criança (ex.: “Não vai pra lá, porque o bicho vai te pegar”).
- 5) *Grita*: genitor fala em tom de voz alto com a criança.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: Pontua-se 5 quando o adulto apresenta as subcategorias de forma predominante no episódio, não oscilando com afetos positivos. Pontuar 4 se o genitor apresentar as subcategorias na maior parte do episódio, mas oscile também entre afetos positivos. Para diferenciar do não característico, é importante atentar que quando predomina o afeto negativo, o genitor mostra-se não tranquilo e confortável na maior parte do episódio, pontuando-se então, 4 ou 5. Pontuar não característico quando ele se mostra tranquilo e confortável, na maior parte do episódio, predominando o afeto positivo, mas ainda sim oscile com afetos negativos. Pontuar 1 quando o adulto não apresenta nenhuma manifestação de afeto negativo durante grande parte ou todo o episódio.

Brincar com brinquedos: idem ao brincar livre

Ensinar: idem ao brincar livre

DESENGAJAMENTO - Esta categoria reflete a extensão na qual os pais parecem não estarem envolvidos com a criança. Eles parecem não engajados, emocionalmente não envolvidos, não responsivos e não conscientes das necessidades da criança. Os pais mostram passividade e falta de interesse. Os escores mais baixos representam os pais que não demonstram sinais de desengajamento ou desligamento ou aqueles que demonstram um mínimo de desengajamento.

Os escores mais altos representam a díade que está predominantemente desengajada ou muito desengajada. A criança fica sem atenção parental a maior parte do tempo, mesmo quando há uma distância razoável para interação. Quando a díade interage, seu comportamento parece mecânico e superficial. Como parte da avaliação da categoria é examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Não acompanha visualmente a atividade da criança*: genitor não dirige seu olhar, não acompanhando a movimentação da criança.
- 2) *Não responde às vocalizações, sorrisos ou outros comportamentos da criança*: criança vocaliza, sorri ou emite um outro comportamento em direção ao genitor, e este não responde.
- 3) *Ignora coisas interessantes que a criança faz*: genitor não dirige seu olhar para o que a criança está fazendo.
- 4) *Apresenta objetos à criança sem convidá-la à interação*: genitor pega objetos sem chamar a atenção da criança para eles.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: Pontuar 5 se todas as subcategorias estiverem presentes durante todo o episódio. Pontuar 4 se as subcategorias forem observadas na maior parte do episódio, mas oscilem com momentos de engajamento. Pontuar 2 caso predomine o engajamento do genitor durante o episódio, mas ainda sim sejam observados comportamentos de desengajamento. Pontuar 1 caso não seja observada nenhuma das subcategorias ao longo do episódio.

Brincar com brinquedos: idem ao brincar livre

Ensinar: idem ao brincar livre

INTRUSIVIDADE - Esta categoria se refere à interação que é intrusiva e supercontrolada, sendo centrada no adulto e não na criança. O adulto impõe seus próprios objetivos à criança, além de super estruturar seu brinquedo. Ele insiste em um uso particular do brinquedo, mesmo quando esse controle não é necessário para a segurança da criança ou por respeito aos outros. Também viola o espaço da criança através de afastamento físico e impede seu direito por seu próprio espaço e controle do seu corpo. Ele pode ser intrusivo de uma forma afetiva ou não. O que caracteriza o comportamento como intrusivo é a ação dos pais de não reconhecer as intenções da criança como reais ou válidas e comunicar que é melhor depender deles para

direcionar suas atividades do que tentar individualmente. Os escores mais baixos representam os pais que não demonstram sinais de intrusividade e comportamento super controlador ou mínima intrusão. Os pais claramente interagem com a criança de forma que valide sua participação, encorajam-na a reconhecer suas intenções e negociam o curso das interações durante a observação. Pode haver evidência de intrusão, mas essa não é típica da interação. Os escores mais altos representam os pais que, frequentemente, são intrusivos ou supercontroladores, ou até mesmo hiperestimulam a criança. A díade raramente interage e uma proporção substancial das interações é intrusiva. Os pais controlam as interações, podendo usar força física e não permitem a autonomia da criança. O adulto pode terminar as atividades em que a criança está envolvida sem avisá-la ou sem dar-lhe tempo para uma transição. Os pais permitem um certo grau de autonomia, mas não apóiam e nem reforçam esta perspectiva da criança. Como parte da avaliação da categoria é examinada a incidência das seguintes subcategorias:

- 1) *Não permite que a criança faça escolhas ou selecione atividades/brinquedos*: genitor direciona o comportamento da criança em relação a uma atividade/brinquedo, sem permitir que a criança escolha o que quer fazer.
- 2) *Insiste que a criança faça alguma coisa sem estar interessada*: genitor pede que a criança faça algo que, aparentemente, não é de seu interesse, podendo também superestimular a criança com brinquedos que não são de seu interesse naquele momento.
- 3) *Modifica a atividade quando a criança aparenta interesse*: genitor remove um brinquedo/objeto das mãos da criança.
- 4) *Invade o espaço da criança*: genitor limita e/ou priva o espaço físico da criança, impedindo que esta se desloque.
- 5) *Oferece uma barreira à interação*: genitor impede que a criança interaja com ele ou ignore suas tentativas.

Especificidades que devem ser observadas em cada episódio quando feita análise da filmagem pelo protocolo KIA-Profile:

Brincar livre: atentar ao fato de que nesse episódio a brincadeira ocorre de forma menos estruturada, pois não são disponibilizados brinquedos para a dupla. Por ser o primeiro episódio, no qual ainda não têm brinquedos, que geralmente despertam o interesse da criança, é importante observar como a mãe percebe a reação da criança na sala (além de ser importante atentar à reação da própria criança), se ela se mostra motivada ou não para brincar. Nesse sentido, como a mãe

propõe o início do brincar livre já fala sobre um comportamento intrusivo ou não. Se as brincadeiras propostas se centram no adulto, não permitindo que a criança inicie a brincadeira, escolha o que fazer, são indícios de intrusividade. Atentar ao longo do episódio a como iniciam e terminam novos “ciclos” de brincadeira, buscando observar se a mãe responde adequadamente ou não às demandas da criança e, ainda, se quando ocorrem comportamentos não sensíveis, se ela consegue perceber e mudar o ritmo. Caso não consiga, se configura um comportamento mais intrusivo. Pontua-se característico quando os comportamentos intrusivos predominam no episódio, mesmo que apareçam alguns momentos de sensibilidade. Pontuar 5 apenas se a mãe for intrusiva durante todo o episódio. Caso apresente esse comportamento na maior parte do tempo, mas oscile entre comportamentos sensíveis, pontuar 4. Pontuar 2 caso predominem respostas sensíveis e 1 caso a mãe seja sensível ao longo de todo o episódio.

Brincar com brinquedos: o primeiro ponto a se observar nesse episódio é como o genitor reage à chegada da caixa de brinquedos na sala. Espera-se que o genitor que apresente comportamento intrusivo, não permita que a criança inicie a explorar a caixa sozinha (a não ser que a criança explicitamente peça que ele/ela abra a caixa, quando tem dificuldade para fazer isso, por exemplo). Por existirem muitos brinquedos na caixa, podem ocorrer muitas sequências diferentes de brincadeiras. É importante atentar às reações da criança e da mãe a cada mudança de brinquedo ou brincadeira, pois nesses momentos ficam bem visíveis o quanto o genitor age ou não de acordo com as subcategorias. Um critério importante para definir se é ou não característica a intrusividade é atentar a como a mãe reage quando não é sensível. Caso ela perceba que foi não sensível e mude o comportamento, considerar não característica a intrusividade. Pontuar 5 apenas se a mãe for intrusiva durante todo o episódio. Caso apresente intrusividade na maior parte do tempo, mas oscile entre comportamentos sensíveis, pontuar 4. Pontuar 2 caso predominem respostas sensíveis e 1 caso a mãe seja sensível ao longo de todo o episódio.

Ensinar: idem ao brincar com brinquedo. Nesse episódio atentar para o fato de que se espera que a mãe incentive mais a criança, visto que foi pedido a ela que ensine a criança a utilizar aquele brinquedo, não caracterizando intrusividade. Mesmo assim, espera-se que ela possa mudar o ritmo caso a resposta da criança seja de desinteresse por aquele objeto. Pontuar 5 apenas se a mãe for intrusiva durante todo o episódio. Caso apresente intrusividade na maior parte do tempo, mas oscile entre comportamentos sensíveis, pontuar 4. Pontuar 2 caso predominem respostas sensíveis e 1 caso a mãe seja sensível ao longo de todo o episódio.

ANEXO H: Questionário de Dados Sociodemográficos

1. Dados Gerais

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos

Local de nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade/UF: _____

Fone: _____ Celular: _____

E-mail: _____

Status de relacionamento: () solteiro(a) () namorando () casado(a) () morando junto () separado(a)/divorciado(a) () viúvo(a)

Se casado ou morando junto, tempo de união: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____

série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual sua ocupação: _____

Quantas horas de trabalho/semana? _____

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- | | |
|---|---|
| () Nenhuma renda | () De 6 a 9 salários mínimos (R\$ 5.622,00 até R\$ 8.433,00) |
| () Até 1 salário mínimo (até R\$ 937,00) | () De 9 a 12 salários mínimos (R\$ 8.433,00 até R\$ 11.244,00) |
| () De 1 a 3 salários mínimos (R\$ 937,00 até R\$ 2.811,00) | () De 12 a 15 salários mínimos (R\$ 11.244,00 até R\$ 14.055,00) |
| () De 3 a 6 salários mínimos (R\$ 2.811,00 até R\$ 5.622,00) | () Mais de 15 salários mínimos (mais de R\$ 14.055,00) |

Quantas pessoas dependem dessa renda? _____

Quantas pessoas moram na sua casa, incluindo você? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

2. Dados do companheiro(a) atual

Nome: _____

Data de nascimento: ____/____/____ Idade: ____ anos

Local de nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Endereço atual: _____

Bairro: _____ Cidade/UF: _____

Fone: _____ Celular: _____

E-mail: _____

Escolaridade: () nenhuma () Ensino Fundamental - ____ série () Ensino Médio - ____

série () Superior () Curso Técnico () Pós-Graduação () Outro _____

Ainda está estudando? () não () sim

Atualmente está trabalhando? () sim () não () aposentado(a)

Qual ocupação: _____

Quantas horas de trabalho/semana? _____

Tem religião? () sim () não Qual? _____ É praticante? () sim () não

Seu companheiro (a) tem outros filhos? () sim () não Quantos? _____

Idades: _____

4.Dados sobre seu filho(a)

Nome: _____

Data de nascimento: ____ / ____ / ____ Idade: ____ anos

Local de Nascimento: _____

Raça/etnia: _____

Possui irmãos: () sim () não Quantos: _____ Idade outros filhos _____

Seu filho frequenta creche/escola: () não () sim, particular () sim, pública

Quantas horas por semana: _____

Seu filho nasceu a termo? () sim () não . Nasceu com ____ semanas

Seu filho tem algum problema de saúde () não () sim. Se sim, qual:
